



FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Ana Isabel Ledesma Fernandes

2º Ciclo de Estudos em Ensino do Português e Línguas Clássicas do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

**RETÓRICA E EVANGELIZAÇÃO NO SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS
PEIXES DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA**

2012

Orientador: Professora Doutora Zulmira Santos

Versão definitiva

“Vieira cumpre, nos seus sermões, a tarefa retórica de subjugar o auditório pela força mágica da sua palavra, realiza o ideal Barroco na utilização do deleite como instrumento valorizado desse domínio. Por isso os seus sermões desenharam a imagem do orador triunfante¹.”

Maria Lucília Pires

¹ Pires, Maria Lucília Gonçalves (1996). *Xadrez de Palavras*. Edições Cosmo.

Agradecimentos

Para a realização deste(a) relatório/dissertação foram vários os intervenientes que colaboraram direta e indiretamente que merecem o meu reconhecimento e gratidão.

À minha orientadora, Professora Doutora Zulmira Santos, agradeço o apoio, a dedicação, o empenho, a disponibilidade e a confiança depositada, ao ter aceitado o desafio de orientar este(a) relatório/dissertação, que estimulou a minha reflexão sobre o Padre António Vieira e despertou em mim o interesse por estas matérias, assim como pelos comentários e sugestões.

À diretora de Mestrado, Professora Doutora Isabel Margarida Duarte, pela força de ânimo e disponibilidade que me transmitiu ao longo do Mestrado, manifesto o meu profundo reconhecimento.

Quero agradecer também a todos os docentes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, às orientadoras da Escola Secundária Inês de Castro pela colaboração prestada e conhecimentos adquiridos. Finalmente, de modo especial, devo agradecer aos meus pais, irmã, avó, tias, marido e amigos, pela compreensão, apoio incondicional, incentivo e motivação imprescindíveis para a efetivação deste relatório.

É a todos que dedico este trabalho.

Resumo

Este(a) relatório/dissertação procura explorar, em termos de aplicação pedagógica, textos do Padre António Vieira e Cícero, mediante a abordagem global da produção escrita dos dois autores, de molde a sensibilizar os estudantes para a importância do legado da literatura portuguesa do século XVII e da presença, muitas vezes intemporal, do pensamento da Antiguidade Clássica nos dias de hoje. Esta aplicação à experiência de investigação-ação foi realizada no ano letivo 2009/2010, na Escola Secundária Inês de Castro. Para o desenvolvimento deste estudo, tomei como cerne as características do texto argumentativo, em especial no *Sermão de Santo António aos Peixes* de António Vieira (1661), procurando, posteriormente, evidenciar como na Antiguidade Clássica tal tipo de texto incorporava as definições fundamentais. Para tal, escolhi a versão portuguesa do célebre discurso de Cícero (Marco Túlio Cícero, 106 a.C. - 43 a.C.) *Oratio Pro Arquia*, por um lado por se tratar de um texto em defesa das letras, louvando a atividade dos poetas, no seio da sociedade romana – permitindo, assim, suscitar o debate com os alunos à volta do peso das Humanidades nas sociedades contemporâneas e, por outro, estimular o conhecimento de personalidades e pensadores fundamentais para a formação da «identidade» europeia.

Nos dois textos, embora muito distanciados no tempo, procurei proceder a um comentário explicativo que, embora não separando forma de conteúdo, salientasse culturas diferentes (clássica e portuguesa), mostrando como há problemas que atravessam o tempo e as sociedades, porque intrínsecos à condição humana, de molde a contribuir para o desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos, numa dimensão humanista e integrada da formação pedagógica.

Abstract

This report/thesis tries to explore, in terms of pedagogical application, texts by António Vieira and Cicero, through the global approach of the works written by the above mentioned authors, so as to sensitize the students for the importance of the legacy of Portuguese literature of the 18th century, and the presence, frequently timeless, of the thought of Classical Antiquity; nowadays. This application to the experiment of investigation-action, took place in the school year of 2009-2010 in the Secondary School Inês de Castro. To the development of this study, I centered on the comparative analysis of the argumentative text, specially in the *Sermão de Santo António aos Peixes* (*Sermon of St Antonio to the Fish*) by António Vieira (1661), trying afterwards, to bring to evidence, the way this kind of text incorporated the essential definitions. Thus, I chose the Portuguese version of the well-known speech by Cícero (Marco Túlio Cícero, 106 a.C. - 43 a.C.) *Oratio Pro Arquia*, on the one hand because this is a text in defense of the letters, praising the activity of the poets in the heart of the roman society – allowing, this way, to evoke the debate with the students, around the importance of Humanities in the contemporary societies and, on the other hand, to stimulate the knowledge of personalities and thinkers, essential for the formation of the European «identity».

In both texts, although very distant in time, I tried to produce an explanatory comment, that, though not separating form from content, would stress different cultures (Classical and Portuguese), showing how there are problems that cross time and societies, because they are intrinsic to the human condition, so as to contribute for the linguistic and cultural development of the students in a humanistic and integrated dimension of the pedagogical training.

Índice

Introdução	8
I - Contextualização	10
1.1 O contexto de investigação-ação	11
1.1.1 Escola Secundária Inês de Castro	11
1.1.2 Caracterização da turma A do 11º ano	16
1.2 O contexto sala de aula	18
II - Fundamentação Teórica	27
2.1 Padre António Vieira – enquadramento no Programa de 11º ano	28
2.2 A importância da história de Padre António Vieira na língua e na literatura	33
2.2.1 Dados Biográficos	33
2.2.2 Padre António Vieira, a ligação com a cultura clássica	36
2.3 Conclusão sobre a importância cultural e literária da obra de Vieira	38
III - A Oratória	41
3.1 Estudo do Sermão de Santo António aos peixes	42
3.1.1 Sermão	42
3.1.2 O <i>Sermão de Santo António aos peixes</i>	43
3.2 Estudo da Oratio Pro Arquia	49
3.2.1 O poeta Árcuias	49
3.2.1.1 O discurso político	50
3.3 Proposta de aplicação prática e estratégias seleccionadas	51
Conclusão	56
Bibliografia	59
Anexos	64

Introdução

"Uma casa sem livros é como um corpo sem alma."

Cícero

*"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde,
um cego que guia, um morto que vive."*

Padre António Vieira

Este(a) relatório/dissertação insere-se no curso de Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O curso de Mestrado está dividido em duas estruturas, sendo a primeira constituída por unidades curriculares, onde são adquiridos e sedimentados conhecimentos científicos e teóricos, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, enquanto a segunda, constituída essencialmente pela iniciação à prática de ensino supervisionada, teve lugar no ano letivo 2009/2010, na Escola Secundária Inês de Castro.

O (a) relatório/dissertação que apresento será o culminar desta etapa académica, para a obtenção ao grau de mestre. Escolhi como objeto de estudo deste trabalho a Oratória, e selecionei como exemplos o *Sermão de Santo António aos Peixes* e a *Oratio Pro Arquia*, na medida em que, sendo textos cronologicamente diferenciados, poderiam contribuir para despertar e estimular nos alunos a vontade de saber mais sobre a «memória» de uma civilização – a europeia (no caso de Cícero) e a portuguesa no Brasil, no caso particular do Padre António Vieira. Para a realização deste trabalho li e analisei vários estudos relacionados com o tema e os autores das obras, não esquecendo a iniciação à prática profissional realizada no ano letivo 2009/2010, na Escola Secundária Inês de Castro. Deste modo, procurei que os textos a explorar se integrassem dentro do modelo de ensino/aprendizagem que aprendi a praticar.

O estudo está organizado em três partes: na primeira procurei fazer a contextualização da investigação-ação, do local e intervenientes, caracterização da turma A do 11ºano da Escola Secundária Inês de Castro e reflexão sobre o contexto sala de aula.

Da segunda parte faz parte a fundamentação teórica, onde é feito o enquadramento do padre António Vieira no Programa de 11º ano, a importância de padre António Vieira na língua e na literatura, a sua ligação com a cultura clássica e a importância cultural e literária da sua obra.

Na terceira parte apresentarei o estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, propondo, em primeiro lugar, uma breve explicação do que é o sermão e do que significava no século XVII – muitas vezes uma função muito semelhante à difusão e comentário de notícias de carácter político ou de explicação de acontecimentos feita nos nossos dias pela comunicação social, para de seguida fazer uma análise do *Sermão de Santo António aos Peixes*. Depois de explicado o funcionamento retórico do sermão, procurarei mostrar como a natureza do discurso argumentativo, buscando a persuasão, está também presente num texto com 2000 anos, explorando a atenção dos alunos para o passado. Nesta parte faço uma apresentação da *Oratio Pro Arquia*, identificando o poeta Árquias e mostrando que os recursos argumentativos se estendem ao discurso forense e ao discurso político. Para finalizar proponho algumas estratégias seleccionadas aplicadas à turma A do 11º ano, onde descrevo e justifico a metodologia utilizada e os materiais utilizados que servem de apoio para o desenvolvimento deste estudo.

No final apresento a conclusão e reflexão sobre todo o processo desta investigação-ação, seguindo-se a bibliografia composta por todas as obras analisadas e consultadas para a elaboração deste estudo e também os anexos.

I – Contextualização

1.1 - O contexto de investigação – ação

A Iniciação à Prática Profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Português e Línguas Clássicas, no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário, integra o Estágio Pedagógico. Este organiza-se em lecionação supervisionadas, em observações das aulas das orientadoras e dos colegas estagiários e em outras colaborações na docência e em seminários.

O núcleo de estágio de Português/Latim, em que estava inserida, era constituído por mim e por dois colegas, orientado por duas docentes da escola.

O local e os participantes

1.1.1 - Escola Secundária Inês de Castro

A Escola Secundária de Inês de Castro é uma instituição pública que garante à sua comunidade escolar um ambiente educativo participativo, aberto e integrador, caracterizado pelo seu humanismo e por elevados padrões de exigência e responsabilidade e favorece o prosseguimento de estudos ou a integração no mundo do trabalho. Como consta no Regulamento Interno da Escola Inês de Castro,² o principal objetivo é desenvolver práticas pedagógicas e educacionais com qualidade, visando promover a autonomia dos alunos, contribuindo para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico; criar condições para que os alunos desenvolvam a sua capacidade crítica acerca dos valores, do conhecimento e da estética; desenvolve a capacidade de participação e intervenção, por parte de toda a comunidade escolar e favorecer a igualdade de oportunidades.

² Regulamento Interno da Escola Secundária Inês de Castro – 2009/2013, p.7.

Coordenadores dos Diretores de Turma; um representante dos Serviços Técnico-pedagógicos; um representante dos Projetos de Desenvolvimento Educativo/clubes; um representante da Supervisão Pedagógica; um coordenador da Biblioteca Escolar; um representante dos alunos do Ensino Secundário; um representante dos Pais e Encarregados de Educação; um representante dos Cursos Qualificantes⁷.

O Conselho Administrativo é constituído pelo Diretor, o Subdiretor e o Chefe dos Serviços de Administração Escolar⁸.

A Escola Inês de Castro estava organizada pedagogicamente pelo Conselho Pedagógico, pelos Conselhos de Turmas, por outras estruturas e supervisão pedagógicas e pelos Departamentos Curriculares. Estes estavam subdivididos em: Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Departamento das Expressões e Departamento de Línguas⁹.

Como se lê no documento «Abertura do Ano Letivo»¹⁰, a Escola Secundária Inês de Castro (2009/2010) tinha uma sobrelotação de 165%, em regime de desdobramento. Estavam a funcionar 61 turmas, 37 do 3º ciclo, uma das quais dos Cursos de Educação e Formação (CEF), 24 do Ensino Secundário, 9 dos Cursos Profissionais, 15 do Ensino Secundário Regular, num universo de 1321 alunos.

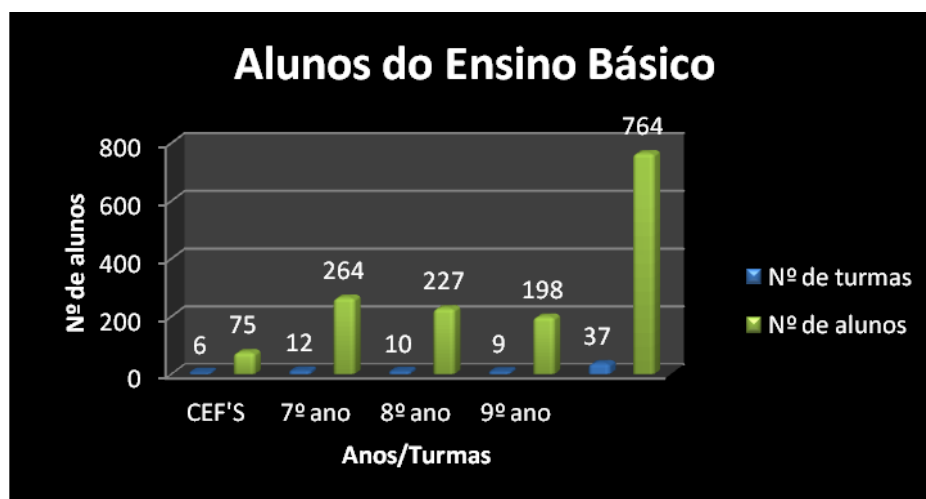


Gráfico 1

⁷ Ibid.p.8.

⁸ Ibid.p.9.

⁹ Ibid.p.11.

¹⁰ Abertura do Ano Lectivo - Reunião Geral, 11 de Setembro de 2009, p.12.

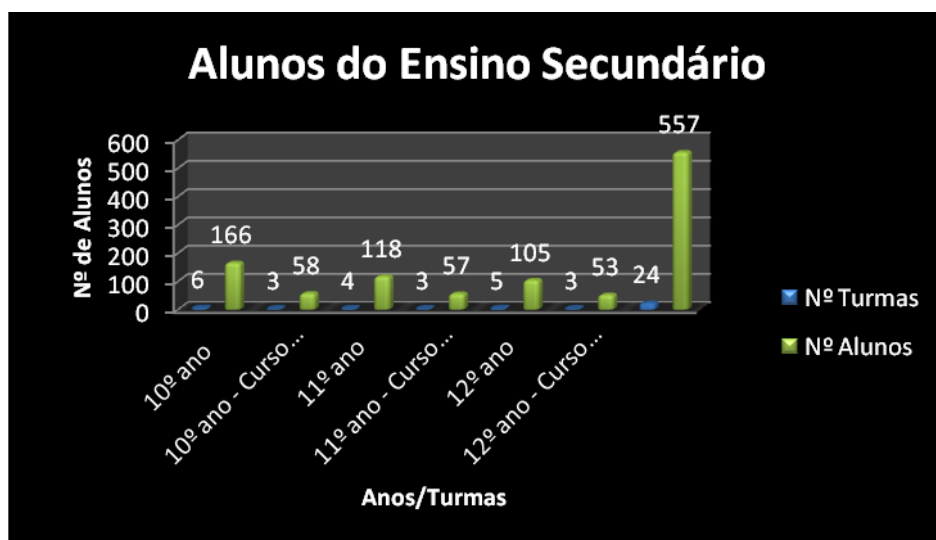


Gráfico 2

A Escola fica situada na zona do Grande Porto, no concelho de Vila Nova de Gaia, freguesia de Canidelo, na Rua Quinta do Fojo. A área de influência pedagógica abrange as freguesias de S. Pedro da Afurada e de Canidelo. As duas freguesias apresentam características distintas¹¹.

A Escola estava constituída, no início do ano letivo 2009/2010, por uma estrutura física de oito edifícios, o pavilhão gimnodesportivo, o refeitório e um pavilhão pré-fabricado. Os restantes cinco edifícios são constituídos por 2 pisos. A área envolvente, ajardinada, é um espaço agradável e acolhedor.

Apesar da diversidade de características inerentes às duas freguesias, em ambas se verifica a existência de habitações degradadas, utilizadas na maioria dos casos por famílias economicamente desfavorecidas e onde existem bastantes casos de disfuncionalidades familiares (tais como fraca comunicação e transmissão de valores entre o agregado familiar, as regras e os papéis sociais não existem ou são mal entendidos). Acresce o fator “desemprego” que afeta, neste momento, 1824 cidadãos na Freguesia de Canidelo e 215, na Freguesia de S. Pedro de Afurada, de acordo com dados recentes do Instituto de Emprego e Formação Profissional de Vila Nova de Gaia, segundo consta no relatório da escola.

¹¹ Instituto Nacional de Estatística – Censos 2001.

Este contexto socioeconómico, associado ao baixo nível de instrução da população, o 1º ciclo, condiciona a atitude dos alunos, que olham para a escola com algum distanciamento, desconfiança e com baixas expectativas em relação ao seu futuro formativo e profissional.

Um estigma associado à escola é a indisciplina e a insegurança, que não deixa de caracterizar a realidade. Esta representação condiciona o bom funcionamento e consequentemente os resultados escolares, assim como gera alguma instabilidade e indisciplina.

No documento «Abertura do Ano Lectivo»¹² estão assinalados e identificados os fatores principais que geram a indisciplina na escola: falta de regras e de respeito pelas regras existentes; desvalorização do papel do professor e dos auxiliares da ação educativa; ausência de práticas de trabalho cooperativo, entre os alunos; deficiente articulação com a comunidade exterior à escola e com as famílias; desvalorização do conhecimento; baixas expectativas dos alunos e das famílias em relação à escola; turmas com elevado número de alunos.

A escola também perde alunos no ensino secundário, outro problema relevante, por um lado a escola está com um problema de sobrelotação, mas por outro é notória a saída de alunos do ensino secundário para outros estabelecimentos de ensino.

O Ser Humano tem necessidades que são fundamentais para a sobrevivência e como tal necessita de afetos dos pais e dos outros e tem necessidade em obter satisfação pelo aumento da autoestima, portanto a Escola não pode ter apenas a função de instruir, mas também deve formar as crianças e os jovens com valores, regras e atitudes, enquanto seres sociais.

Devido a estes problemas de insegurança e indisciplina a Escola Inês de Castro selecionou uma equipa de profissionais e apostou na sua formação para colmatar este problema e decidiu aprovar atividades de enriquecimento curricular, Clubes e Projetos, enquadradas no PEE, tais como: Contrarregra, Clube de Fotografia, Clube de Teatro, Clube de Inglês, Clube Escrita Criativa, Clube de Proteção Civil, Clube dos 3Rs, Jornal Escolar *O Desalinhado*, Projeto Cine História, Clube de Saúde, Projeto Ciência Viva – nacional, Dancing Robot, Robótica – Dear Robot, Desporto Escolar, entre outros.

¹² Ibid. p.29.

1.1.2 Caracterização da turma A do 11º ano

A turma A do 11º ano de escolaridade que é objeto da presente intervenção era formada, no início do ano letivo (2009/2010), por 25 alunos, dos quais dezassete eram raparigas e oito eram rapazes. Existiam dois alunos a repetir pela segunda vez a disciplina de Português. O horário da turma era de manhã do curso de Ciências e Tecnologias.

Em termos etários, a composição da turma revela-se heterogénea. No início do ano letivo as idades dos alunos oscilavam entre os 15 e os 17 anos. A distribuição dos alunos, por idades, apresenta-se no gráfico seguinte, onde se observa que a maioria dos alunos tem 16 anos.

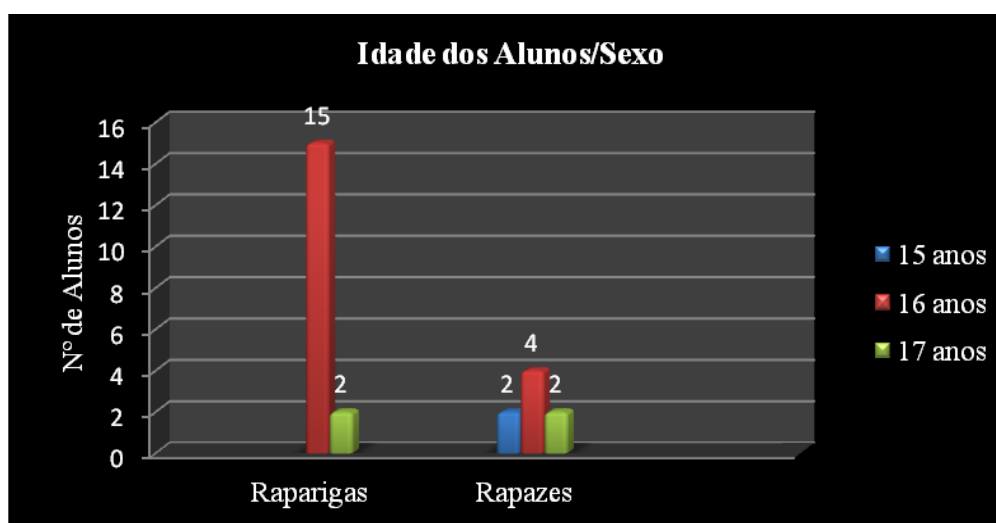


Gráfico 3

Quanto ao desenvolvimento psicológico, a turma supra mencionada apresentava alunos sem atraso no desenvolvimento.

No que respeita à nacionalidade dos alunos da turma apenas a aluna número 26 era oriunda da Ucrânia, sendo os restantes de nacionalidade portuguesa.

Relativamente às motivações e interesses, os alunos mostravam preferência pelas atividades em grupo, em vez do trabalho individual.

A maioria dos alunos da turma possuía computador com acesso à Internet e livros em casa, apenas uma minoria tinha acesso à Internet na Escola.

Esta turma caracterizava-se quer pelo gosto da disciplina de Português quer pelo gosto de ler.

Quanto ao aproveitamento dos alunos à disciplina de Português no ano letivo anterior é de 100%.

O gráfico seguinte evidencia a classificação à disciplina nos períodos letivos do ano letivo 2009/2010.

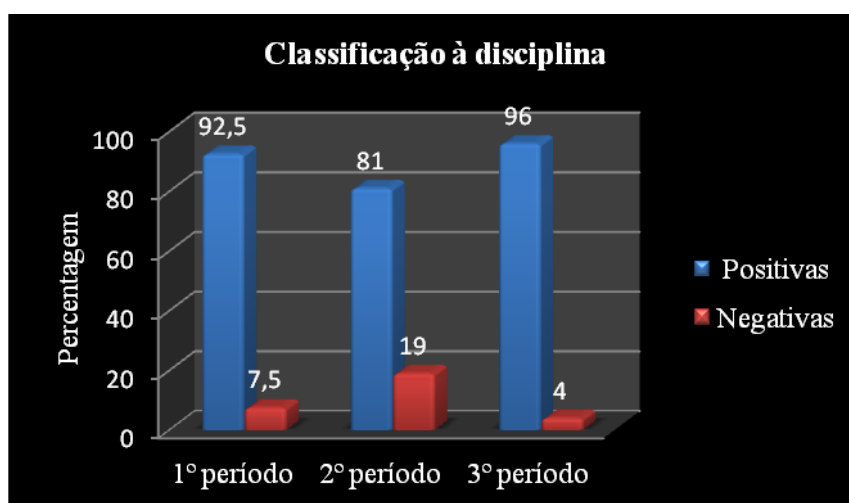


Gráfico 4

A diretora de turma organizou a sala de aula atribuída a esta turma, sala 25, no Bloco C, proporcionando um bom ambiente de trabalho.

Penso que a observação na sala de aula é um dos instrumentos indispensáveis e incontornáveis no desenvolvimento profissional de um professor; todavia, há tantas manifestações de atividade a decorrer em simultâneo que se torna impossível registar tudo aquilo que se observa. Após uma observação simples, numa fase inicial apercebi-me de que os alunos eram conversadores e gostavam de partilhar informação pessoal com os seus pares, mas quando lhes era solicitada a participação oral perante toda a turma e que falassem abertamente sobre determinado assunto, acabavam por ser recetivos.

1.2 - O contexto sala de aula

A escola é um espaço de relações e diversidades. Como um espaço de indivíduos e relações, é um espaço que agrega diferentes valores, experiências, culturas, relações sociais e faz do ambiente escolar uma troca de conhecimentos e saberes. A heterogeneidade que se encontra na escola acaba por se confrontar com uma estrutura pedagógica baseada num padrão, que exclui a diferença.

No dia a dia as relações estabelecidas no contexto escolar têm sido difíceis, pois os sentimentos em relação a ele (contexto escolar) revelam decepção, desencanto na sequência de inúmeros problemas do cotidiano.

No processo ensino/aprendizagem, a afetividade e a cognição devem estar de mãos dadas, em especial no contexto sala de aula. Quando conversamos de afetividade e de aprendizagem falamos da vida humana, que por natureza social se constrói de relações interpessoais. Cada indivíduo relaciona-se com outro indivíduo desenvolvendo e construindo relações sociais, portanto age e interage conforme as situações acontecem no seu cotidiano. Assim, este processo assenta na natureza biológica e social que caracteriza o comportamento do indivíduo.

A afetividade envolve questões emotivas e sentimentais, enquanto a aprendizagem é um mundo de conhecimento e descobertas. A junção de ambas constitui um fenómeno complexo, pois envolve vários intervenientes.

A sala de aula é um espaço de vivência e de relações pedagógicas, estabelecido pela heterogeneidade de ideias, de valores e de ideais. É um espaço de formação humana, onde a experiência pedagógica – o ensinar e o aprender – é desenvolvida no vínculo: tem uma dimensão histórica, intersubjetiva e intrasubjetiva, como podemos ler na Revista Pedagógica de Daniel Valdez¹³.

¹³ Valdez, Daniel (2002). *As relações interpessoais e a Teoria da Mente no contexto educativo*. In Pátio Revista Pedagógica ano VI, nº23 Setembro/Outubro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.

Na perspetiva de Henri Wallon¹⁴, a afetividade é evidente na construção do indivíduo e do conhecimento de forma expressiva. Na evolução psíquica do indivíduo a inteligência e a afetividade são inseparáveis, apesar das funções precisas e distintas, ou seja, entre elas existe uma oposição que a complementa. A escola é então um espaço, onde as relações se evidenciam, através de conflitos e oposições ou através de diálogo e interação. Na comunidade escolar, essencialmente heterogénea, é necessário que o conflito seja visto como favorável ao desenvolvimento emocional e intelectual dos indivíduos no processo ensino/aprendizagem.

Paulo Freire entende que «qualquer que seja a qualidade da prática educativa, autoritária ou democrática, ela é sempre diretiva. No momento, porém, em que o educador ou a educadora interfere na capacidade criadora, formuladora, indagadora do educando, de forma restritiva, então a diretividade necessária se converte em manipulação, em autoritarismo¹⁵».

A atualidade é caracterizada pela diversidade de valores e ideais, discriminação e preconceitos, neste sentido a escola é um *locus* de diversidade de indivíduos concretos que geram os conflitos. A preocupação com o Currículo surge com o processo de massificação escolar e com a industrialização, em 1920, nos Estados Unidos da América. O Currículo está diretamente relacionado connosco, com o modo como nos desenvolvemos e naquilo em que nos tornamos enquanto seres humanos. Envolve questões relacionadas com as relações professor/aluno, professor/diretor e todas as demais relações envolvidas na comunidade escolar. A teoria tradicional do Currículo estava centrada em focar os principais objetivos da educação escolarizada, formar o trabalhador especializado para uma educação geral. Esta teoria teve como representante Bobbit. O modelo desta teoria era baseado na teoria de administração económica de Taylor e o seu objetivo era a eficiência. O Currículo incidia na organização e ocorria de forma mecânica¹⁶.

¹⁴ Almeida, Ana Rita Silva (2001). *A emoção na sala de aula*. São Paulo: Papirus.

Disponível: http://books.google.pt/books?id=FMBSnxYF8Q8C&printsec=frontcover&dq=a+emo%C3%A7%C3%A3o+na+sala+de+aula++ana+rita+silva+almeida&hl=ptPT&sa=X&ei=jocQT_pVhbnyA5Wf7dID&redir_esc=y#v=onepage&q=a%20emo%C3%A7%C3%A3o%20na%20sala%20de%20aula%20%20ana%20rita%20silva%20almeida&f=false (Consultado Março e Abril de 2012)

¹⁵ Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.79.

¹⁶ Silva, Tomaz Tadeu da (2000). *Teorias do Currículo*, Porto: Porto Editora.

Nos anos de 1960, surgem críticas e interrogações relativamente às primeiras teorias. Estas teorias críticas foram elaboradas por diversos pensadores em que a sua maior preocupação era desenvolver conceitos com base marxista. A ideologia predominante transmitia os princípios por meio das disciplinas e conteúdos que reproduziam os interesses das famílias mais desfavorecidas. Entre as teorias baseadas nas análises marxistas, surgiu uma elaborada por Apple, que teve grande influência na educação. Segundo Tomaz Silva¹⁷, que resumirei nas considerações tecidas a seguir, para Apple o Currículo depende da seleção dos interesses particulares e dos grupos dominantes. A escola deve transmitir e produzir conhecimentos. Segundo esta teoria, os alunos devem ser ativos no processo educacional, devem participar, discutir e questionar, assim poderão ter atitudes de emancipação.

Nos estudos sobre o Currículo verificamos que o que ocorre no processo pedagógico está explícito nos currículos. O Currículo Oculto que não é uma teoria, é aquele que está presente na educação.

Na escola desenvolve-se o Currículo Oculto, este, segundo Tomaz Silva¹⁸, é constituído por todos aqueles aspetos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. Ora, o que se aprende através do Currículo Oculto são atitudes, comportamentos e valores que permitem aos alunos ajustarem-se de forma mais conveniente ao funcionamento de comportamentos sociais através de regras e regulamentos que permitam a organização na sala de aula e a pontualidade. A implementação do Currículo foi importante para o dia a dia escolar, pois exerce influência em todo o processo escolar e na sociedade em geral. O Currículo organiza as funções da comunidade escolar não menosprezando as suas finalidades, contudo também é fundamental a sua verificação, análise, interpretação e reformulação para se manter atualizado. O professor como participante ativo deve cooperar na elaboração não esmorecendo do seu papel de educador.

A Deontologia Educacional surge como elemento essencial, que deve estar sempre presente no processo ensino/aprendizagem. A origem etimológica do conceito Deontologia é de raiz grega, este deriva de dois vocábulos: “*Déon*” ou “*Deontos*” que

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid. p.82.

significa “o que fazer” e “*Logos*” ou “*Logía*” que significa “tratado/doutrina”, podendo-se traduzir, deste modo: “Ciência dos Tratados”. Para explicitar e desenvolver a Deontologia Educacional, achei pertinente o enquadramento histórico dando a conhecer o progresso do conceito de “Deontologia”, baseando-me nas reflexões de Pedro D’ Orey da Cunha, in *Ética e Educação* e de Cassiano Maria Reimão, in *Ética e Profissões Desafios da Modernidade Actas de Colóquio*, que servirão de base ao comentário resumido a que, seguidamente, procederei. De uma forma geral, pode-se dizer que existe uma deontologia referente ao passado, ao presente e ao futuro.

A “Deontologia do Passado” surge e enquadra-se na época do Estado Novo e caracterizava-se, essencialmente, por conferir ao Professor um estatuto de grande prestígio. Socialmente, deparamo-nos com um Sistema Educativo em expansão “*contida*”, restringido por planos que tinha que seguir; “*seletiva*”, excluía a entrada de pessoas portadoras de deficiências e de pessoas que não tivessem capacidades para chegarem à universidade; e “*elitista*”, procurava formar e preparar a elite dirigente do país. Culturalmente, privilegiava a “uniformidade nacional” e a tradição, e renunciava as mudanças bruscas. Em suma, a “Deontologia do Passado” ficou marcada pelo “Império da Moral” e pelo sentido de responsabilidade perante a sociedade. Deste modo, encontrava-se marcado por três características, essenciais: o professor encontrava-se ao serviço da verdade e da ciência; constituía-se como testemunha e exemplo vivo de virtude e realizava-se no cumprimento do dever.

Por sua vez, a “Deontologia do Presente” surge como uma espécie de oposição à “Deontologia do Passado”. Ao contrário da primeira, esta caracteriza-se por se ter expandido de uma forma muito rápida e informal. No entanto, importa referir, que em alguns sectores, ainda persistiam marcas do regime anterior.

Socialmente, o Sistema Educativo, pós 25 de abril, é um sistema em expansão incontida, surgindo escolas em massa direccionadas para as massas; a expansão surge em consonância com as necessidades de procura e não é seletiva, ou seja, todos os indivíduos de ambos os sexos têm direito à escolaridade. Tudo isto encaminha para a sobrelotação das escolas, para o aumento desenfreado do número de escolas, de professores (chamados à pressa, e às vezes sem formação). Culturalmente, a sociedade que compõe esta época, rejeita os valores que imperavam no Estado Novo. A sociedade contesta a “uniformidade nacional”; valoriza as identidades locais e regionais e põe em questão toda a tradição. Nas escolas, as inovações sucedem a um ritmo vertiginoso; a

“*êthos*” do regime é considerada como incompatível com a liberdade. Em síntese, instala-se um relativismo moral. Este paradigma deontológico caracteriza-se pela insatisfação, dúvida e ambiguidade. O Professor, embora frustrado, apresenta-se ao serviço do aperfeiçoamento da sociedade; aspira a realização pessoal, mas não sabe que sentido lhe há de conferir; e por fim, embora desencantado, defende os interesses corporativos.

A educação deve, atualmente e futuramente assentar na edificação de uma nova racionalidade, aberta à verdade e à sabedoria, com vista na realização de uma nova cultura humanista. Este projeto concentrar-se-á nos valores do homem como pessoa, de modo a permitir a elaboração de respostas às tensões fundamentais que atravessam o tempo presente: ter/ser; normas/autonomia; individualismo/solidariedade; qualificação/humanização; violência/paz; unidimensionalidade/pluridimensionalidade; globalização/circunstancialidade.

As resoluções para estas tensões encontram-se presentes na missão da escola que procura cumprir um objetivo de desenvolvimento individual e um objetivo de integração social. Neste sentido, deve-se tentar descobrir e formular uma deontologia que consiga renovar o panorama educativo, de modo a obter, talvez, uma “Deontologia do Futuro”; para este efeito seria necessário que houvesse a coexistência de duas ideias opostas de cultura: a primeira radicaria na valorização da liberdade e autonomia individual. O professor deveria favorecer o desenvolvimento e a autonomia pessoal; a segunda, ao enaltecer as tradições, apelaria à necessidade do enraizamento numa cultura particular.

O professor faria com que cada indivíduo fosse um membro ativo da comunidade a que pertence, isto a todos os níveis, linguístico, cultural, social, entre outros. Deste modo, os indivíduos deveriam participar ativamente na (re)construção do seu mundo. A responsabilidade ética do professor, resultante do papel que desempenha, da autoridade que possui e do poder de decisão que exerce está relacionada de imediato com a (re)construção identitária dos alunos, que com o auxílio dos professores se constituirão como possuidores de um sentido para a sua vida e com capacidades de assumir, responsavelmente e sem receio, um papel no mundo.

Em resumo: sociologicamente, ao contrário do que foi visto nas deontologias anteriores, a escola deverá tender para a humanização. Para tal, esta Deontologia deve propiciar a adequação do número da população escolar ao espaço escolar, ou seja, estes

devem ser proporcionais. Deve privilegiar uma gestão democrática, profissional e autónoma da vida escolar. Deve existir uma maior concentração na qualidade do ensino.

Culturalmente, nota-se que a sociedade tende para a valorização da tradição, embora de forma moderada; ela valoriza e respeita, cada vez mais, o cumprimento dos direitos humanos, uma liberdade moderada, ou seja, valorização da liberdade e não da libertinagem. Tudo isto orienta para uma progressiva maturidade cultural.

Estes pressupostos encaminham para a necessidade de criação de uma deontologia para os professores, a qual deveria privilegiar um tipo de docente que se centrasse na pessoa humana, nos valores da Verdade e do Belo e, por fim, na qualidade e profissionalismo.

Analisando o artigo 10º “*Deveres profissionais*” e o Capítulo II “*Direitos e deveres*”, do *Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário* – Decreto-lei 15/2007, de 19 de janeiro, verificamos que o docente, enquanto educador, possui um conjunto de direitos e deveres.

O professor tem direito à formação à altura da conceção da sua distinção profissional; tem direito a um estatuto e remuneração devidos à importância social e exigências da profissão; tem direito às condições materiais da dignidade e sucesso do exercício da profissão; tem direito à mais ampla autonomia e responsabilidade profissionais; tem direito à participação no governo da escola; tem direito à participação na definição da política da educação; tem direito ao exercício dos seus direitos de cidadão de modo compatível com os princípios e preceitos deontológicos.

No que se refere aos seus deveres para com o educando não deve abusar do poder e posição que lhe confere a sua função nem desviá-la dos seus fins, designadamente pela sua comercialização; deve ser incessantemente competente; deve respeitar a dignidade, liberdade e diferença – cultural, social e pessoal – de cada educando, sem discriminação alguma, tratando-o sempre como sujeito dos seus direitos e nunca como ‘objeto’ a moldar à imagem e semelhança dos adultos e da sociedade; deve respeitar o nome de cada educando, como elemento constitutivo da sua identidade e do sentimento da sua dignidade; deve respeitar a privacidade de cada educando e o seu direito ao silêncio; deve guardar sigilo sobre informações confidenciais obtidas na sua relação com os educandos, numa base de confiança, exceto por razões profissionais ou imposição legal; deve permitir e estimular o exercício dos direitos do educando, para

promover o desenvolvimento da sua autonomia e responsabilidade; deve respeitar o direito do educando ao erro, no seu aprender a ser, a conhecer e a fazer; deve confiar no educando e nas suas possibilidades de ser mais e melhor; deve ser imparcial, objetivo e aberto à diversidade e ao possível, entre outros.

No que diz respeito aos deveres para com os colegas, o professor não deve exprimir publicamente eventuais divergências com colegas; deve respeitar as competências, opiniões e trabalho dos colegas e deve manifestar solidariedade com colegas vítimas de injustiças ou em caso de dificuldades.

Para com a profissão e o seu órgão profissional, o professor deve cultivar uma elevada conceção da profissão, deve dignificar a profissão, durante e fora do seu exercício e deve proteger a profissão do seu exercício incompetente ou indigno.

Para com a entidade patronal, o professor deve competência, dedicação e cooperação crítica.

Para com os pais ou seus substitutos, deve informação, diálogo e não desautorização pública.

Após esta análise e leitura cuidada do *Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário*, conclui-se que os professores são os principais responsáveis pela educação e formação de gerações que procuram fundamentos e valores morais, conhecimentos superiores aos vulgares com o objetivo de conseguirem um conjunto alargado de saberes, que lhes conceda poder ver o que serão mais tarde.

Deste modo, o professor tem duas tarefas de grande responsabilidade: a de funcionário e a de educador/formador do Homem. Citando Kant: “A preocupação fundamental, para o homem, deve consistir em saber como há de cumprir a sua missão no mundo e o que tem a fazer para conseguir ser verdadeiramente homem.”

Como o aluno é um sujeito envolvido no processo ensino/aprendizagem e se analisarmos o *Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário*, verificamos que não é só o professor que tem direitos e deveres, também o aluno. Segundo o artigo 13º do Capítulo III, o aluno tem direito a usufruir do ensino e de uma educação de qualidade; tem direito de usufruir do ambiente e do projeto educativo que lhe proporcionem condições para o seu desenvolvimento; tem direito a ver reconhecido o empenho em ações meritórias; tem direito a usufruir de um horário escolar adequado ao ano que frequentado; tem direito a beneficiar de apoio, no âmbito dos serviços de ação social escolar, caso tenha necessidades que dificultem o acesso à escola; tem direito a

beneficiar de outros apoios específicos; tem direito a ser tratado com respeito; tem direito a ver salvaguardada a sua segurança; tem direito a ser assistido em caso de acidente; tem direito a ver garantida a sua confidencialidade; tem direito a participar na elaboração do regulamento interno da escola.

No que diz respeito aos deveres o aluno deve, segundo o artigo 15º, estudar; deve ser assíduo; deve seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem; deve tratar com respeito e guardar lealdade para com qualquer membro da comunidade escolar; deve participar nas atividades educativas e formativas desenvolvidas na escola; deve zelar pela preservação das instalações, entre outros. Nesta perspetiva, a escola tem uma responsabilidade acrescida, principalmente em contexto de sala de aula, pois é neste contexto que se formam os indivíduos, na construção dos seus ideais e valores. Mas é neste contexto que surgem as situações de conflito aluno/professor e professor/aluno.

Estas situações decorrem de diversas circunstâncias, nestes momentos existe uma mistura de sentimentos que leva muitas vezes ao descontrolo das situações. Aquando destas situações de conflitos é deveras importante identificar os fatores que geram esses conflitos para assim solucioná-los e para que contribuam para o ensino/aprendizagem.

Edgar Morin, quando solicitado pela UNESCO, em 1999, para fazer a sistematização de reflexões que fossem o ponto de partida para repensar a educação do século XXI, apresentou os sete saberes necessários à Educação, destaco entre eles – Ensinar a condição humana. Neste terceiro buraco negro, assim denominado por Edgar Morin, refere que a condição humana não é ensinada, mas que a escola não propõe uma reflexão sobre a condição humana, embora proponha reflexões nas variadas disciplinas e conteúdos.

Um espaço vivo da escola é sem dúvida a sala de aula, onde além dos conflitos, existem momentos de interação entre aluno/professor e professor/aluno. Este ambiente interativo aluno/professor e professor/aluno assume grande importância para o processo ensino/aprendizagem, como afirma Paulo Freire: «Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, frio,

mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade¹⁹».

O diálogo entre aluno/professor e professor/aluno pode estimular o interesse para o processo ensino/aprendizagem. O professor é um elemento importante de mediação entre o aluno e o conhecimento, possibilitando o acesso e a reconstrução do saber. A relação de afetividade entre aluno/professor e professor/aluno no processo ensino/aprendizagem, no diálogo, o respeito mútuo são elementos fundamentais para a aprendizagem privilegiando a formação humana.

¹⁹ Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.159,160.

II – Fundamentação Teórica

2.1 - Padre António Vieira - enquadramento no Programa de 11º ano

Os programas de Língua Portuguesa para o ensino secundário exigem que se compreendam e interpretem os seus propósitos. Os objetivos para o ensino do português, neste nível de ensino são estabelecidos de acordo com a legislação – Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (lei nº 46/86 de 14 de outubro – segunda alteração à LBSE, lei nº49/2005 de 30 de agosto). De acordo com a LBSE, o artigo 9º e o artigo 10º são dirigidos ao ensino secundário. O primeiro pretende:

"Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica; facultar conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais; fomentar a aquisição e aplicação de um saber cada vez mais aprofundado assente no estudo; formar a partir da realidade concreta e dos valores permanentes da sociedade; facultar contactos e experiências com o mundo do trabalho; favorecer a orientação e formação profissional dos jovens; criar hábitos de trabalho, individual e em grupo²⁰".

O segundo determina a organização do ensino secundário. Segundo este artigo, todos os alunos que terminem o ensino básico têm acesso ao ensino secundário; os cursos do ensino secundário têm a duração de três anos e organizam-se segundo as componentes técnicas, tecnológicas e profissionalizantes e de língua e cultura portuguesas adequadas à natureza dos cursos; a conclusão do ensino secundário com aproveitamento confere atribuição de um diploma.

Do Documento Orientador da Revisão Curricular do Ensino Secundário, de 2003, constam alguns princípios e elementos estruturantes, dos quais me permito destacar o seguinte:

«Valorização da Literatura Portuguesa no âmbito das aprendizagens da disciplina de Português»²¹.

Os cursos de natureza Científico-Humanísticos estão orientados para o ingresso dos alunos no ensino superior, de carácter universitário ou politécnico. Segundo este

²⁰ Lei 46/1986, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

²¹ Reforma do Ensino Secundário - Documento Orientador da Revisão Curricular do Ensino Secundário, Ministério da Educação, 2003, p.18.

Documento, todos os alunos do ensino secundário têm a possibilidade de alterar o seu percurso escolar, pois está garantido um «sistema de permeabilidade». A disciplina de Português é comum na formação geral nos Cursos Científico-Humanísticos e nos Cursos Tecnológicos.

A disciplina de Português visa a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências que apetrechem os alunos para a reflexão e para o uso correto da língua materna. O Programa do Ensino Secundário de Português deve estimular o exercício do pensamento reflexivo e o desenvolvimento de valores, capacidades e competências decorrentes do processo de ensino formal, atribuindo à escola a função de aumentar a capacidade de compreensão e expressão oral e escrita do aluno. Ao longo do ensino secundário, pretende-se «que o aluno adquira uma atitude crítica, através de uma tomada de consciência sobre a forma como comunicamos o que queremos comunicar e desenvolva disponibilidade para a aprendizagem da língua, refletindo sobre o seu funcionamento, descrevendo-a, manipulando-a e apreciando-a enquanto objecto estético e meio privilegiado de outras linguagens estéticas»²². Deste ponto de vista, pensamos que os objetivos que pretendemos atingir com o estudo de alguns aspetos da biografia e da obra de António Vieira se podem, sem dificuldade, inserir neste quadro.

A Língua Materna (LM), como é sabido, é o elemento mediador que permite a comunicação com os outros e contribui para forjar a identidade. O domínio da LM, neste caso da Língua Portuguesa (LP), é decisivo para o desenvolvimento individual e intelectual, uma vez que a LP é a língua oficial, a língua adoptada pela comunidade escolar e a língua de acolhimento para os e/immigrantes que vivem no nosso País. As aulas de LM têm como finalidade preparar o aluno para a vida social e profissional, promovendo as suas competências, desenvolvendo as capacidades de intervenção e argumentação e contribuindo para a sua formação, enquanto interveniente na sociedade em que está inserido. Nestas aulas, o professor de Português deve incentivar o aluno à comunicação (escrita e oral) não descurando os mecanismos cognitivos do conhecimento da língua.

O ensino da Língua Portuguesa deve ser assegurada a todos os alunos, independentemente do seu percurso escolar e as aulas deverão compreender estratégias

²²Programa de Português – 10º,11º,12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, (2001 e 2002) Departamento da Educação, Ministério da Educação, p.3.

adequadas às finalidades e objetivos a desenvolver, contemplados no Programa de Português, dos Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos: Compreensão Oral, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura e Funcionamento da Língua. Vale a pena destacar, citando-os, os aspectos a relevar:

«O domínio da oralidade é uma competência transversal que deve permitir ao aluno a sua afirmação pessoal e a sua integração numa comunidade, ora como locutor eficaz, ora como ouvinte crítico, ora como interlocutor, em suma, como cidadão»²³. «A competência de escrita é, hoje mais do que nunca, um factor indispensável ao exercício da cidadania, ao sucesso escolar, social e cultural dos indivíduos e, a par da leitura e da oralidade, condiciona o êxito na aprendizagem das diferentes disciplinas curriculares. Pela sua complexidade, a aprendizagem desta competência exige ao aluno a consciencialização dos mecanismos cognitivos e linguísticos que ela envolve a prática intensiva que permita a efectiva aquisição»²⁴. «A competência de leitura desenvolve-se em vários níveis de proficiência a partir do convívio reflectido com os textos e outras mensagens gráficas. A compreensão do texto a ler pressupõe a apreensão do significado escrito do texto que envolve o conhecimento do código linguístico, o funcionamento textual e intertextual. O leitor integra essa informação básica nos esquemas conceptuais que já detém, elaborando, em seguida, a sua representação individual, já enformada pelos seus conhecimentos/vivências»²⁵. «O Funcionamento da Língua visa aliar a prática à reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua, constituindo-se como condição indispensável para o aperfeiçoamento do uso da língua, uma vez que possibilitará a identificação de dificuldades e a consequente consciencialização das estruturas linguísticas a usar em determinados contextos»²⁶.

Segundo o Programa de Português do Ensino Secundário, o desenvolvimento destes objetivos é necessário «à formação dos alunos para [que haja] uma cidadania plena, [o que] pressupõe e exige um conhecimento metalinguístico, uma consciência linguística e uma dimensão estética da linguagem e [que] assenta num modelo de

²³ Ibid. p.18.

²⁴ Ibid. p.20.

²⁵ Ibid. p.22.

²⁶ Ibid. p.25.

comunicação, entendido enquanto acção, com duas competências em interacção: a de comunicação e a estratégica»²⁷.

Nesta perspetiva, é vital promover a produção de textos adequados aos diversos contextos. Para conseguir que as diferentes componentes (Compreensão Oral, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura e Funcionamento da Língua) se interliguem, foram selecionados textos diversificados (narrativo, descritivo, dramático, argumentativo, expositivo). Com esta diversidade textual inserida no Programa do ensino secundário, as componentes serão desenvolvidas e explicadas aos alunos a partir dos textos previstos pelo Programa, visando consciencializar o aluno para a língua e para a cultura portuguesas, preparando-os para a inserção social e profissional.

Uma vez que o texto programático sugere que:

«a aula de Português deve constituir-se como um espaço de promoção da leitura, de desenvolvimento das competências da compreensão/expressão oral e escrita e conhecimento reflexivo da língua através do contacto com uma variedade de textos e de situações que favoreçam o desenvolvimento intelectual, social e afectivo do aluno e o apetrechem com os instrumentos indispensáveis à participação activa no mundo a que pertence»²⁸, será necessário ter em conta que o aluno é o centro da aprendizagem e, como tal, a prática letiva deverá procurar promover a autonomia, levando-o a pensar e contribuindo para que seja capaz de expressar conhecimentos provenientes da aprendizagem e opiniões que traduzam a forma como assimilou as diferentes questões.

Nos dias que correm, compete à escola e, em especial, à disciplina de Português, a criação de condições necessárias ao rigoroso desenvolvimento linguístico de todos os alunos, contribuindo para aumentar não apenas o leque vocabular, mas também as formulações discursivas inerentes ao pensamento mais complexo. Espera-se que no final da escolaridade do Ensino Secundário os alunos possuam um grau de literacia adequado às exigências o que implica, por parte do professor, um trabalho programado, seleccionando as estratégias e atividades mais eficazes para incrementar as competências de comunicação do aluno. Este deverá ser capaz de compreender e

²⁷ Ibid. p.8.

²⁸ Ibid. p.3.

produzir enunciados linguísticos, orais e escritos, com qualidade, como consta no Programa²⁹.

A unidade didática, *Padre António Vieira*, que abordarei ao longo deste trabalho, constava da planificação do 1º período com duração de 14 aulas previstas. Esta unidade enquadra-se numa unidade prevista pelo programa do Ensino Secundário para o 11º ano de escolaridade, que regista como objetivo o estudo do texto argumentativo e o seu funcionamento, assim como a leitura do discurso político e do *Sermão de Santo António* (excertos), do Padre António Vieira. A leitura literária selecionada pelos autores do manual *Antologia*³⁰ adotado pela escola foi o *Sermão de Santo António aos Peixes*.

Como consta no Programa, esta unidade didática tem os seguintes objetivos:

«Os alunos devem determinar a intencionalidade comunicativa; distinguir factos de sentimentos e de opiniões; reconhecer o valor expressivo e estilístico da pontuação; utilizar vários tipos de argumentos; reconhecer formas de argumentação, persuasão e manipulação; identificar uma tese; reconhecer a estrutura canónica de base da argumentação (tese, antítese, síntese); utilizar conectores predominantes no texto argumentativo; reconhecer a dimensão estética da língua; contactar com autores do Património Cultural Português; programar a produção da escrita e da oralidade observando as fases de planificação, execução, avaliação; aplicar regras da textualidade; reflectir sobre o funcionamento da língua; adequar o discurso à situação comunicativa»³¹.

Deste modo, no final desta unidade, os alunos deverão ter adquirido competências de comunicação, relacionadas com a componente linguística e discursiva, estratégias de leitura e de escuta adequadas a diversos tipos de texto e finalidade, resultando estas competências numa contribuição para o seu desenvolvimento pessoal e social. É fundamental que, como se afirma no programa, os alunos reconheçam o valor expressivo e estilístico da pontuação, a utilização de vários tipos de argumentos, reconhecendo formas de argumentação, persuasão e manipulação.

²⁹ Ibid. p.56.

³⁰ Manual de Português - Antologia 11º Ano da Lisboa Editora, de Ana Garrido, Cristina Duarte, Fátima Rodrigues, Fernanda Afonso e Lúcia Lemos.

³¹ Programa de Português – 10º,11º,12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, (2001 e 2002) Departamento da Educação, Ministério da Educação, p.56.

2.2 A importância da figura do Padre António Vieira na língua e na literatura

Neste ponto apresentarei de forma resumida a vida de António Vieira e, para tal, resumirei os dados biográficos do autor, a sua ligação com a cultura clássica e a importância de Vieira para a língua e literatura portuguesas.

2.2.1. Dados biográficos

António Vieira nasceu em Lisboa, no dia 6 de fevereiro de 1608, na freguesia da Sé. Foi o primogénito de Cristóvão Vieira Ravasco, escrivão oficial, e de Maria Azevedo. Morreu na Baía, Brasil, a 18 de julho de 1697, com 89 anos.

Em 1614, com 6 anos de idade, parte com a família para o Brasil para São Salvador da Baía, pois o seu pai tinha sido nomeado para o cargo de escrivão da Relação da Baía. Em S. Salvador da Baía, na altura a capital do Brasil, António Vieira frequentou o Colégio dos Jesuítas, fazendo o percurso de aprendizagem normal, que incluía amplos conhecimentos de retórica e da literatura clássica, manifestando vontade de colaborar no processo de evangelização dos índios do Brasil sem esquecer as condições de escravatura dos negros.

Fundada por Inácio de Loyola e aprovada por bula papal em 1540, a Companhia de Jesus tornou-se uma influente instituição religiosa em termos de ensino e no contexto da evangelização tanto no Oriente como em África e no Brasil. Os membros desta ordem são conhecidos como Jesuítas, desde o século XVI. O principal objetivo da Companhia era a defesa e propagação da fé cristã, utilizando como métodos a pregação, a prática dos exercícios espirituais, os sacramentos e a educação cristã. De um modo geral, os jesuítas estavam muito bem preparados do ponto de vista da formação clássica, porque o programa utilizado em todos os colégios, que se chamava «Ratio Studiorum» (1599), preconizava uma grande familiaridade com os clássicos, com as suas obras e, também, uma profunda competência no domínio da língua latina falada e escrita.

Com 15 anos de idade, António Vieira inicia o noviciado, e uma cuidada formação escolar. Os estudantes tinham diariamente exercícios de memória com textos decorados do Antigo e Novo Testamentos, de Cícero, de Quintiliano e também de autores gregos. Graças à sua capacidade retórica, foi incumbido, em 1626, de redigir em

latim a *Carta Anua ao Geral dos Jesuítas*, o seu primeiro texto escrito conhecido. No início de 1627, começou a ensinar Retórica no Colégio dos Jesuítas, em Olinda. Aqui, permaneceu cerca de 3 anos e regressou à Baía com a intenção de concluir os estudos filosóficos. A Retórica, a Filosofia e a Teologia eram disciplinas fundamentais na formação intelectual dos jesuítas³². A Retórica é o conjunto de processos que constituem a arte de bem falar – a eloquência – isto é a arte de ensinar e convencer, usando o «deleite», isto é a função estética da linguagem para prender a atenção dos ouvintes e persuadir o auditório através da palavra, ou seja, a arte da oratória. Ora, a eloquência pressupõe: ensinar (*docere*), deleitar (*delectare*) e mover (*movere*) o auditório. Vieira ao longo da sua prática citou grande parte dos mestres de Retórica clássica, porque conhecia muito bem as suas obras – Aristóteles, Cícero, Quintiliano. Todos os autores acolhem o pressuposto de que a composição retórica implicava cinco partes: a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a ação; no entanto, foram aparecendo versões mais simplificadas que destacavam, essencialmente, a invenção, no sentido da procura do tema e da sua justificação, a disposição e a elocução. Vieira atentava rigorosamente nas partes de construção do sermão, sobretudo porque se tratava de «discursos» visando a persuasão.

No ano de 1633, prega pela primeira vez na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador, e no ano seguinte, é ordenado sacerdote, a 10 de dezembro. Os seus sermões tornam-no um pregador de grande prestígio, apesar de denunciar os problemas sociais da colónia, de criticar a injustiça e a corrupção e de proteger os Índios.

Após a Restauração da Independência (1 de dezembro de 1640) regressou a Lisboa, com o filho do vice-rei do Brasil onde permaneceu até 1646, reafirmando o apoio do Brasil à Coroa Portuguesa. O Rei, a corte, a nobreza, todos manifestam fascínio pelo Padre António Vieira, que, para além de padre, teólogo e pregador se tornou também político, na medida em que D. João IV o escolhe para seu Conselheiro e Pregador Régio. Entretanto, prega na Capela Real em Lisboa e na Igreja de S. Roque, atraindo um público cada vez mais numeroso e faz do púlpito uma tribuna, de onde defende a política governamental. Entre os anos de 1646 e 1650 o Padre António Vieira tem uns anos atarefados com missões políticas em França, Holanda e Itália, que não

³² Rodrigues, Francisco. *A formação intelectual do jesuíta*, Porto, Liv. Magalhães e Moniz, 1917.

tiveram sucesso. Desacreditado politicamente, sobretudo por intrigas de corte, Vieira parte para o Brasil para se envolver nas tarefas da evangelização que tiveram como combate central a questão da liberdade dos índios.

O Índio era vítima apetecida dos colonos que o sujeitavam a um regime de escravidão similar ao do negro. A defesa da liberdade do indígena por parte da Companhia de Jesus constituía um obstáculo aos intuitos dos colonos brancos que precisavam, no contexto da economia do Brasil, de mão de obra escrava. António Vieira com o entusiasmo que o caracterizava arriscou-se em expedições com o objetivo de proteger os Índios, catequizá-los, construir aldeias para os abrigar, defendê-los dos colonos brancos. Em 1654, profere o célebre Sermão de Santo António aos Peixes, a 13 de junho, em S. Luís do Maranhão, depois da expulsão dos jesuítas pelos colonos, antes da partida clandestina para Lisboa com o intuito de pedir leis favoráveis para os Índios. Aqui, consegue um diploma do rei que concede aos Jesuítas a administração dos Índios e limita a possibilidade de serem cativos.

Em 1655, regressa ao Brasil e D. João IV morre no ano seguinte. Com efeito, com a morte do rei, a situação em Lisboa mudara e o Padre Vieira não encontrara os apoios que tivera naquele tempo na Corte. Durante seis anos percorre aproximadamente 3000 quilómetros de terras do sertão, a pé ou em canoa debaixo do clima tropical e constrói igrejas. Devido à revolta entre os colonos do Maranhão e a expulsão dos Jesuítas, o Padre António Vieira é embarcado, em 1661, para Lisboa devido aos acesos combates que fazia contra os colonos.

O Tribunal da Inquisição acusa-o de heresia sendo expulso de Lisboa, condenado a internamento em Coimbra e proibido de pregar. Em 1681, regressa à Baía e vai viver para uma casa de campo do Colégio dos Jesuítas, já doente prepara a publicação dos seus *Sermões* e escreve a *Clauvis Prophetarum*. Morreu com idade avançada (89 anos) em julho de 1697, no Colégio da Baía.

Foi como orador que Vieira mais se distinguiu no seu tempo e é, ainda hoje, sob essa faceta que a sua obra é mais conhecida e apreciada. Durante o século XVII, o sermão não foi só o género literário predominante, foi também e principalmente, a base da mais importante cerimónia social, a pregação. Através dela, a palavra do orador atingia todas as camadas sociais. Mais significativas que a extensão do público ouvinte são as características de que se revestia o ato de pregar. O púlpito transformara-se, na

época, no último baluarte da liberdade de expressão. Durante a dominação filipina, apenas a alguns sacerdotes era dada a faculdade de falar livremente contra, por exemplo, a opressão espanhola. No século XVII, os pregadores procuravam fazer a interpretação dos acontecimentos presentes, explicando-os à luz dos conhecimentos bíblicos, daí que os sermões tivessem muita importância, na medida em que permitiam uma espécie de comentário político. Os sermões vieirianos espelham, assim, fielmente a época conturbada em que viveu o Jesuíta, Padre António Vieira, apegado a uma nação que, por aqueles anos se encontrava envolvida na guerra com Espanha, para sedimentar a independência. O sermão de Santo António aos Peixes tem a particularidade de, entre os muitos sermões que Vieira pregou no dia de Santo António, explorar a homologia entre a figura do santo franciscano e a dele próprio, sem que a comparação explícita alguma vez compareça, o que torna o texto um excelente exemplo também de discurso político.

2.2.2 - Padre António Vieira, a ligação com a cultura clássica

O século XVII é um período conturbado na história europeia e instável a nível cultural, económico, político e religioso. Assiste-se ao desaparecimento de alguns estados e à formação de outros. A Europa sofre alterações, do ponto de vista religioso, provenientes da Reforma e da Contrarreforma, e Portugal, em particular, estava afundado num problema financeiro, agravado pela guerra da independência com Espanha que só terminou em 1668.

Apesar da crise instalada, como referi anteriormente, os portugueses procuram um lugar na Europa, manifestando sempre uma vontade de independência.

António Vieira nasce em 1608, na altura em que Portugal se encontrava sob domínio filipino e o Brasil sofria ataques de holandeses e franceses. Embora tenha vivido no Brasil no período em que a coroa portuguesa estava sob o domínio espanhol, tem consciência do sentimento de liberdade, pois que sofreu o domínio holandês na Baía, que em muito influenciará o seu sentimento de português-católico.

Como refere António de Oliveira³³ para António Vieira «a restauração, e nomeadamente a do Brasil, antes e depois do primeiro de Dezembro, irá ser uma das [suas] grandes e apaixonadas lutas, se não mesmo a luta. Combate pela pátria, forçosamente, e, e em primeiro lugar, uma luta em prol do serviço de Deus». Vieira tinha como objetivo a luta pela pátria embora lhe tivesse causado dissabores e incompreensões, mesmo no mundo jesuíta.

O seu conhecimento da cultura clássica, que em muito marcou os seus sermões, integra-se no discurso engenhoso muito praticado no Barroco³⁴, no sentido em que se trata de um período que muito valorizou a formação retórica. Para R. Wellek e Austin Warren³⁵ «os períodos literários não se sucedem de um modo rígido e abrupto, como se fossem entidades discretas, blocos monolíticos linearmente justapostos, mas sucedem-se através de zonas difusas de embricação e de interpenetração». O Barroco foi uma época que celebrou os contrastes, a desordem devido às alterações sociais, geradas pela instabilidade religiosa na sequência da Contrarreforma, pelas alterações políticas e financeiras.

A obra de António Vieira, sobretudo a sermonária, retrata todas as oposições do século XVII, a oposição entre a ordem e o caos, a atração pelo deleite causado pelas construções engenhosas de vocábulos raros, a intencionalidade em provocar o espanto e a admiração dos leitores e ouvintes pelas ligações de palavras inesperadas pelas aproximações de sentido, pelo recurso ao saber dos clássicos e muito especialmente aos autores latinos. Como leitor atento de Cícero, o Padre António Vieira tinha consciência dos assuntos mais convenientes no momento. Vieira recorria à palavra escrita ou falada como instrumento de ação com a finalidade de ser bem sucedido na mensagem que pretendia transmitir a quem o ouvia.

O pregador de formação e cultura clássicas está retratado na escrita dos sermões. Neles encontramos referências claras e fundamentadas a todos os grandes autores da civilização greco-latina como Platão, Aristóteles, Sócrates, Cícero, Séneca, Horácio, Ovídio, entre outros. Como já se disse, todos estes autores faziam parte do plano de

³³ Oliveira, António de (1999). *O tempo de Vieira: a sociedade e a cultura de Seiscentos*. In *Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*. Universidade Católica Portuguesa/província Portuguesa da Companhia de Jesus, Braga.

³⁴ Saraiva, António José (1996). *O Discurso Engenhoso – Ensaaios sobre Vieira*, Gradiva.

³⁵ Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (2002). *Teoria da Literatura*. p. 419 e 420.

estudos da Companhia de Jesus, como comprova o programa da *Ratio Studiorum* que estabelecia não apenas a tipologia das aulas, mas também os autores a ensinar e o tipo de exercícios a fazer, conforme a matéria a estudar. O currículo dividia-se em classes (inferiores e superiores). A classe inferior era constituída pela Retórica, Humanidades e Gramática, já a classe superior era constituída pela Filosofia, Lógica, Moral, Física, Metafísica e Matemática. Embora estudassem grego, de um modo geral o ensino era ministrado em latim, o que tornava os estabelecimentos jesuítas quase transnacionais, na medida em que, embora com adaptações a cada local, o programa de ensino ministrado era igual nos colégios alemães, na Índia ou no Brasil. Deste ponto de vista, o Padre António Vieira torna-se um autor muito importante para os alunos mais jovens, não apenas porque demonstra a apropriação da cultura clássica, mostrando como alguns saberes são «eternos», porque muito próprios da condição humana, mas também porque é alguém que acompanha com a vida a luta que trava nos textos.

2.3 – Conclusão sobre a importância cultural e literária da obra de Vieira

António Vieira é considerado o maior pregador do século XVII e, segundo António José Saraiva, utiliza um «discurso engenhoso»³⁶. Este historiador refere que «a palavra engenhoso [é a mais] adequada para designar o discurso [de Vieira]»³⁷ e prefere falar de discurso em vez de estilo, na medida em que toda a produção de Vieira depende desta procura incessante dos mecanismos linguísticos capazes de causar a admiração, para da admiração passar à persuasão. Cada palavra ocupa o lugar que lhe fica melhor, nenhuma palavra é duplicada nem substituível, cada uma marca o seu lugar no discurso. A conhecida passagem do Sermão do Espírito Santo sobre o estatuário pode servir para mostrar aos alunos o cuidado de Vieira com a palavra certa, o vocábulo rigorosamente adequado, como se procurasse, tal como o estatuário, encontrar a «forma» perfeita: «Arranca o estatuário uma pedra destas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem: primeiro, membro a membro e, depois, feição por feição, até à mais miúda. Ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a

³⁶ Saraiva, António José (1996). *O Discurso Engenhoso – Ensaios sobre Vieira*, Gradiva, p.7.

³⁷ Ibid.p.8.

boca, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos. Aqui desprega, ali arruga, acolá recama. E fica um homem perfeito, e talvez um santo que se pode pôr no altar.» Lido com cuidado e acompanhado de imagens de estátuas este texto pode ajudar a que os alunos percebam um trabalho sobre a palavra equivalente ao trabalho sobre a pedra.

Hoje não podemos saber como proferia Vieira os seus sermões, que tipo de gestos, de pausas enfáticas acompanhavam as palavras. Mas, como refere Pinto de Castro, entre as qualidades de um bom pregador Vieira referia com ênfase «a boa voz e bom peito»³⁸, pois existiam pregadores que pregavam como atores, como acentuou no Sermão da Sexagésima, isto é, que prestavam mais atenção à forma como diziam do que ao discurso que estavam a proferir.

José Nunes Carreira, no capítulo intitulado «O uso da Escritura nos sermões de Vieira»³⁹ coloca a genuinidade dos sermões de Vieira no topo da pirâmide, só depois a retórica, a filosofia, a ética e a teologia. Cada sermão tem argumentos e interpretações bíblicos, como é possível ler no exórdio. De realçar que a Bíblia não é a única fonte de Vieira para construir a pregação. Recorria também aos comentadores da Sagrada Escritura, aos Padres da Igreja e a todos os autores espirituais que conhecia. Sabe-se também que os pregadores dispunham de obras que os podiam ajudar a preparar os sermões e que se chamavam «silvas de lugares comuns».

Como se sabe Vieira pregou em vários locais da Europa e também no Brasil e a sua fama de pregador era imensa. Como já se acentuou, D. Francisco Manuel de Melo dizia que era preciso ir «pôr tapete» em S. Roque, a igreja dos jesuítas, para arranjar lugar no momento da pregação. Depressa se evidenciou nos púlpitos da Baía e mais tarde em Portugal e Itália. Os ouvintes do pregador jesuíta eram numerosos, divididos entre aplausos, elogios e divergências. Como refere João Marques, António Vieira assumia a vida, «como luta sem tréguas a que, de resto, se coadunava o seu temperamento colérico [...] múltiplas foram as vezes que interveio no púlpito, em

³⁸ Mendes, Margarida Vieira, Maria Lucília Pires e J. Costa Miranda (1997). *Vieira Escritor*, Lisboa: Edições Cosmos, p.80.

³⁹ Ibid.p.95.

alturas e locais bem diversificados, incalculável resultou a quantidade de sermões e práticas que proferiu»⁴⁰.

Pensa-se que Vieira não terá redigido completamente os seus sermões, antes das pregações, pelo menos na íntegra. E, provavelmente, haveria partes que diria de cor. Os jesuítas desenvolviam, no ensino que ministravam, exercícios para desenvolver a memória que era uma aptidão muito importante num tempo em que as fontes de informação não estavam disponíveis sempre. Para isso aprendeu e pôs em prática técnicas relacionadas com a memorização, pois nesta altura já tinha muita experiência de pregador. Aquando da organização e preparação para a impressão dos *Sermões*, o estado dos textos era distinto no seu desenvolvimento, uns estavam escritos em esquema, outros em texto. Pinto de Castro salienta que Cantel e Margarida Vieira Mendes mencionaram que o texto escrito de Vieira raras vezes representa o texto proferido na oralidade.

Fiel aos ensinamentos e à filosofia da Companhia de Jesus, Vieira cumpriu sempre o que achou que era a sua missão como membro da Companhia de Jesus. No púlpito era «movido pelo imperativo categórico, pelo que lhe pedia a ocasião, as circunstâncias e a condição dos ouvintes»⁴¹. O dever de pregador é considerar o púlpito implantado na praça pública e descer a ensinar os pobres e denunciar os poderosos, ser intransigente na defesa da justiça e verdade. Na recente biografia que dele escreveu, Miguel Real recorre a vários historiadores da cultura portuguesa como Maria Leonor Carvalhão Buesco, Raymond Cantel, Eduardo Franco, Hernâni Cidade, Margarida Vieira Mendes, António José Saraiva e Óscar Lopes, entre outros, estudando a vida de Vieira e sublinhando a intensa correspondência entre a vida e a obra no sentido de um projeto global que faria de Portugal o Quinto Império do mundo, cumpridos os projetos de evangelização, aspetos que podem ajudar os alunos a perceberem como se coloca a questão no caso de Fernando Pessoa, quando os diferentes messianismos e providencialismos deixaram de ser «históricos» e passaram para a literatura. O estudo do Padre António Vieira permite forjar uma base sólida para compreender as dimensões de um fenómeno que primeiro foi história e depois passou a «mito».

⁴⁰Ibid.p.119.

⁴¹ Ibid.p.123.

III – A Oratória

3.1 Estudo do Sermão de Santo António aos Peixes

3.1.1 – O sermão

O sermão é um discurso argumentativo sobre um assunto religioso, proferido do púlpito, privilegiando a segunda pessoa, pois tem o objetivo de persuadir e mover com a adesão do público ouvinte.

O sermão católico atinge o seu auge ao longo do século XVII, segundo Alcir Pécora⁴². A interpretação de acontecimentos atuais passa pela ligação que os pregadores «descobrem» entre os acontecimentos narrados na Bíblia, onde se acredita estar toda a história da humanidade, e o presente. Para quem não conhece bem os textos bíblicos e toda a produção escrita à volta da Sagrada Escritura, muitos acontecimentos atuais podiam parecer misteriosos e sem explicação. No entanto, os pregadores, e daí a grande importância do sermão no século XVII, interpretam esses acontecimentos e explicam que tudo o que acontece já estava contido nos textos bíblicos. Aos alunos pode dizer-se que os pregadores eram, na altura, também uma espécie de comentadores políticos, de jornalistas que escreviam artigos de opinião, no sentido em que não só comentavam a política do tempo como, inclusivamente, criavam correntes de opinião importantes para a decisão política.

Na *História do Futuro*, António Vieira afirmou que o tempo é o melhor intérprete das escrituras. O tempo, como dizia Emílio Orozco, é o protagonista do drama barroco⁴³ e por isso quase todos os temas são submetidos ao seu escrutínio. O pregador apodera-se de factos naturais ou históricos e submete-os a um comentário textual.

O sermão, como refere Alcir Pécora, é a «retórica das coisas», pois descobre e opera os índices da imitação, ou seja, o sermão forma-se analogicamente à retórica divina nas coisas criadas que a explicação descobre gradualmente. O sermão, continua o

⁴² Pécora, Alcir (organização e introdução) (2002). *Sermões – Padre António Vieira*. São Paulo: Hedra.

Disponível em: http://books.google.pt/books?id=bW8WCtRUBWsC&printsec=frontcover&dq=serm%C3%B5es&hl=pt-PT&ei=BiLIToiPA5j28QOY5tSJBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDYQ6AEwAA#v=onepage&q=serm%C3%B5es&f=false (consultado a 5 de Setembro de 2011).

⁴³ E. Orozco Díaz, “El tiempo, protagonista del drama del Barroco”, en *Manierismo y Barroco*, Madrid, 1988, pp. 56-59.

mesmo autor, é também a ação verbal de atualização dos sinais divinos ocultos na ação do mundo com o objetivo de produzi a correção moral no auditório dos fiéis. É nesse sentido que o pregador intervém, pois que, como atrás acentuei, ele «descobre» para o auditório as explicações ocultas de acontecimentos contemporâneos. A pregação da igreja além de anunciar a palavra de Deus tem a função de salvar os homens, pois os pregadores são os responsáveis pela sua conversão.

A palavra de Deus, quando interpretada adequadamente, é útil para a constituição da política cristã na história, especialmente através da hierarquia da igreja, mas é útil também para que os ouvintes do sermão entendam situações atuais e procurem melhorá-las.

Os estudos sobre as estruturas dos sermões de Vieira, de Margarida Vieira Mendes, a Alcir Pécora têm sublinhado que no discurso do pregador está presente o jogo analógico para causar efeitos convincentes no auditório. Os pregadores recorrem ao discurso engenhoso para prender a atenção do auditório e tornar mais eficaz a mensagem, persuadindo os ouvintes. Há que fazer notar aos alunos que, no tempo, no século XVII, o «engenho», isto é, a capacidade de aproximar conceitos e palavras à primeira vista distantes, era tida como uma operação intelectual notável que mostrava não apenas a facilidade em lidar com a língua, mas também a capacidade para descobrir ligações ocultas, como muitas vezes acontece hoje, em situações muito diferentes, com algum discurso publicitário e humorístico. Encontrar o que não é óbvio, prende a atenção de quem ouve e pode contribuir para a persuasão.

3.1.2 – O Sermão de Santo António aos Peixes

O *Sermão de Santo António aos Peixes* foi pregado em S. Luís do Maranhão, em 13 de junho de 1654, pelo Padre António Vieira.

A estrutura do sermão reflete a estrutura pictórica barroca, no sentido do apelo à imagem, pois é de uma imaginação gigantesca com um grande poder irónico e satírico. O tema do sermão é absolutamente recorrente na temática de Vieira, na medida em que se pugna pela liberdade dos índios, procurando convencer os colonos do Maranhão, que

queriam continuar a fazer deles mão de obra escrava, que tal não estava certo e ia contra as leis de Deus. Vieira envolveu-se de alma e coração neste combate, pois para ele era urgente que os índios evangelizados fossem homens de direito. Uma das medidas usadas pelo padre jesuíta foi escrever frequentemente ao rei para que o estatuto do índio fosse alterado. Decidiu então viajar até ao Reino, mas antes da viagem pregou o *Sermão de Santo António aos Peixes*, que se tornou um clássico por ter sido pregado no dia de Santo António e por ter aproximado, sem nunca o dizer explicitamente, a situação de Vieira no Maranhão da situação de Santo António em Itália, fazendo deste paralelo implícito, mas claro, uma comparação prestigiante. Tal como Santo António não conseguia pregar aos hereges, que não o ouviam, Vieira não conseguia pregar aos colonos que, aliás, o tinham expulsado.

O primeiro capítulo do sermão coincide com o exórdio e inicia-se com o conceito predicável: “*Vos estis sal terrae*” inspirado em São Mateus (Vós sois o sal da terra). O conceito predicável consiste em figuras ou alegorias pelas quais se pode realizar uma demonstração de fé, ou verdades morais, ou até juízos proféticos. O processo deriva da interpretação do Antigo Testamento como conjunto de prefigurações do que narra o Novo Testamento. Os passos bíblicos do pregador tornam-se em pretexto para as construções mentais. Convém explicar aos alunos que a utilização da frase bíblica permitia ao pregador usar a Bíblia como instrumento de convencimento, na medida em que o texto sagrado não era posto em dúvida.

O sermão vai avançando a partir deste tema – Vós sois o sal da terra – que configura toda a ação dos pregadores, vós, pregadores sois o sal da terra - todo ele repleto de alegorias, os vícios e erros dos colonos do Brasil. Fazendo coincidir a sua situação – e a dos jesuítas do Maranhão – com a situação de Santo António em Itália, pregando aos hereges, Vieira imita Santo António que, vendo que os homens não o ouviam, resolveu pregar aos peixes. Vieira aproveita o tema, prega sobre Santo António, comentando um dos seus milagres mais conhecidos, e transfigura-o a seu favor, aproximando a situação dos jesuítas do Maranhão, da do Santo em Itália: hereges, de um lado, no século XIII, hereges do outro, no século XVII.

«Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens em peixes, mas em feras».

A reflexão sobre Santo António, que prega aos peixes que acorrem a ouvi-lo, arrasta a reflexão sobre a eficácia da pregação, permitindo a Vieira pensar os motivos da sua falta de eficácia.

Os pregadores são o sal da terra porque Cristo quer que façam na terra o que faz o sal, pois o efeito do sal é impedir a corrupção. O sal não está a cumprir a sua função, a terra está corrupta, ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar. Analisando as razões, o que permite a Vieira equacionar alguns problemas da evangelização, o sermão anota que:

«[...] os pregadores não pregam a verdadeira doutrina»;

ou

«[...] dizem uma coisa e fazem outra»;

ou

«[...] se pregam a si e não a Cristo».

Ou então, os ouvintes não se deixam convencer, não evitam a corrupção e são apresentados também três motivos por Vieira:

«[...] não querem receber a verdadeira doutrina»;

ou

«[...] preferem imitar as acções dos pregadores»;

ou

«[...] servem os seus apetites e não a Cristo».

Na aula, deve chamar-se a atenção dos alunos para o paralelismo que dá força à argumentação de Vieira, no sentido em que entra facilmente no ouvido, circunstância que, de certo modo, apela para o conhecimento de técnicas de memorização muito comuns no tempo.

Já no segundo parágrafo do exórdio, são apresentadas propostas para resolver o problema. «Se o sal (pregador) perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado por todos». É merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário. Contudo, se o erro está nos ouvintes (terra) é para eles que se devem dirigir todas as críticas. Evoca

António Vieira não encontra resposta para este dilema nas palavras de Cristo, apenas no exemplo de Santo António, celebrado no dia deste sermão. Vieira abrevia a vida do santo, em Itália – Arimino – focando todas as dificuldades sentidas. O padre jesuíta faz um paralelo entre a sua vida e a vida do Santo António, quando decide virar-se da terra para o mar e pregar aos peixes, em vez de pregar aos homens. Vieira termina o exórdio, como é habitual, com a invocação a uma figura que o ajude a atingir os seus propósitos, neste sermão invoca a Virgem Maria, uma vez que é a *Domina Maris* (Senhora do Mar).

A segunda parte deste sermão é constituída pelo segundo, terceiro, quarto e quinto capítulos. Os dois primeiros capítulos constituem a exposição, enquanto os dois últimos constituem a confirmação.

A exposição informa o ouvinte daquilo que se quer demonstrar ao longo do sermão. A partir deste momento o sermão na sua íntegra é alegórico. Vieira dirige umas palavras ao auditório:

«Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório».

De seguida, dá-nos conta das qualidades do auditório: «ouvem e não falam», por outro lado, sente a dor de eles não se converterem, mas essa dor é tão comum que já quase não a sente. Nesta ideia está contida a ironia, pois consiste em exprimir uma ideia dizendo precisamente o contrário. A dor comum que o pregador sente é muito sentida, ou seja, custa-lhe pregar para esse auditório.

Dirigindo-se aos peixes, tal como fez S. Francisco de Assis, que Santo António também imita, pois este tratava todos os seres vivos por irmãos, aponta-lhes as propriedades do sal: conservar e preservar para que não haja corrupção. Vieira volta a fazer uma comparação com a pregação do Santo António, pois também ele tinha a função de louvar o bem e repreender o mal.

Contudo, o padre jesuíta esclarece o auditório de que a bondade e a maldade não são apenas virtudes e defeitos dos homens, mas de todos os seres vivos e cita S. Basílio para justificar esta afirmação. E de seguida, explica aos peixes que louvará as suas virtudes e depois repreenderá os seus vícios.

Aponta-lhes como louvor o facto de Deus os ter criado em primeiro, de entre todas as criaturas, e depois apresenta as virtudes, que são obediência, ordem, quietação e atenção uma vez que ouvem a palavra de Deus. Uma outra virtude é o facto de «os homens terem a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão».

À semelhança da retórica clássica, António Vieira na exposição apresenta uma breve divisão, assim o auditório saberá como o sermão está estruturado e segui-lo-á com mais atenção.

Apresentadas as virtudes dos peixes, no geral, que foram as primeiras criaturas que Deus criou, são mais e maiores que os homens, são atentos, quietos e devotos, converteram-se em homens, tinham o uso sem a razão, têm respeito e devoção à palavra de Deus e vivem longe dos homens, vai particularizar os seus louvores.

Para louvar o primeiro peixe conta ao auditório a história de Tobias, que enquanto passeava com o Anjo São Rafael, vê um peixe enorme com vontade de o comer. Há que louvar este peixe cujo coração e fel é benéfico para os homens. Mais uma vez Vieira faz o paralelo entre este peixe e Santo António. O segundo peixe é Rémore, cujo corpo nada tem a ver com a força que é capaz de impedir o avanço da nau. O peixe seguinte é o Torpedo, este possuía na cabeça um pequeno aparelho que gerava eletricidade e que fazia tremer a mão do pescador. O último peixe é o Quatro-Olhos, é um peixe que anda à superfície, pois necessita de dois olhos que espreitem os perigos do ar e os outros dois que espreitem os do mar.

Antes de terminar os louvores, agradece aos peixes por eles servirem de alimento aos crentes, durante a Quaresma, contrariamente às aves e a todos os restantes animais. Termina a enumeração das virtudes com uma bênção aos peixes: «crescei, peixes, crescei e multiplicai, e Deus vos confirme a sua bênção».

Após os elogios, centra-se nas repreensões. O primeiro defeito apontado por Vieira é o facto de se comerem uns aos outros, e sobretudo, os grandes comerem os pequenos. António Vieira critica o sistema de alimentação dos peixes e condena ainda

mais a antropofagia existente entre os homens que se comem uns aos outros. Santo Agostinho mostra aos homens como é desmoralizador que os peixes se comam uns aos outros, enquanto António Vieira fez o contrário neste sermão, dá aos peixes o exemplo dos homens. Também os homens grandes comem os seus inferiores, engolem-nos devoram-nos.

Todo este discurso vai evoluindo de forma gradativa até ao momento em que interpela o auditório: «parece-vos bem isto, peixes?». Remata dizendo que Deus não perdoa crimes destes, pois como castiga os homens também castiga os peixes.

Ainda em conversa com os peixes, Vieira critica todos os homens que emigraram para o Brasil para enriquecerem à custa dos mais fracos. Refere que as transações entre Portugal e o Brasil só trazem cobiça, gula e vaidade. Sobre a vaidade faz uma exposição condenando este vício não só nos homens mas também nos peixes.

Termina esta parte do sermão recorrendo, novamente, a Santo António, também ele se privou dos luxos e vaidades para viver de forma simples e humilde.

Tal como fez com os louvores, também agora, com os vícios, irá particularizá-los. Os roncadores serão os primeiros a ser criticados, devido ao seu tamanho que nada tem a ver com o seu poder de roncar, não há motivo para tanto alarido até porque se trata de um peixe pequeno. Já os pegadores são um tipo de peixe que se prega aos maiores, não passam de parasitas que só dificultam a vida daqueles a quem se agarram. Os peixes voadores são alvo de rejeição por parte de Vieira devido à sua presunção e ambição. O facto de serem vaidosos condu-los à morte. O polvo é o último a ser repreendido, com aparência de santo é o maior traidor do mar.

No final, Vieira faz uma advertência aos peixes para que não se apoderem dos bens alheios. Esta mensagem visa atingir os colonos que se apoderam dos náufragos.

Terminada esta última advertência, António Vieira despede-se do auditório, não antes de dizer algumas palavras sobre o Levítico. Pois as últimas palavras são aquelas que ficam no ouvido do ouvinte e têm maior poder de mover. Vieira compara-se com os peixes e sente que, como todos os mortais é pecador porque fala, lembra-se, discorda e quer, assim como ofende a Deus. Para finalizar, exorta os peixes a louvar a Deus.

3.2- Estudo da *Oratio Pro Archia*

No Programa de Português do Ensino Secundário é proposto aos alunos de 11º ano a leitura de textos argumentativos. Entre os quais é destacado o discurso político e o Sermão de Santo António aos Peixes. Na turma A do 11º ano no final do estudo do Sermão iniciamos a leitura e análise do Pro Archia.

3.2.1 – O poeta Árquias

Árquias era um poeta e professor grego de Antioquia. Não nascera, portanto, cidadão romano. A questão da cidadania romana tornou-se um problema fundamental, no momento em que, em 89 a.C., foi promulgada a lei PlautiaPapiria que concedia esse direito aos cidadãos que vivessem em Itália, embora pertencessem a cidades aliadas de Roma. Quem desejasse obter tal qualidade, deveria apresentar ao pretor, num prazo determinado, essa solicitação. No entanto, a extensão dessa qualidade a muitos grupos sociais, entendida como um abuso, levantou problemas no sentido em que se estava a conceder a estrangeiros o direito de intervir na organização da vida política de Roma. Deste modo, os tribunais passaram a julgar casos em que a concessão da cidadania não tivesse sido clara. Foi exatamente isso que aconteceu com Árquias, que foi acusado de ter obtido a cidadania romana de forma ilegal. Em 62 a.c., Cícero defendeu Árquias num processo que parece ter tido também contornos políticos, elaborando um discurso que, ao sublinhar a qualidade de homem de letras que Árquias detinha – e que só por si lhe deveria, nas palavras de Cícero valer a cidadania romana se não a tivesse já -, se tornou, sobretudo depois de muito revalorizado pelas correntes humanistas dos séculos XV e XVI, um libelo a favor dos poetas e da defesa da poesia. Se não fosse já cidadão romano, Roma deveria sentir-se honrada em conceder-lhe essa prerrogativa, porque Árquias era um poeta e os poetas eram os arautos da cultura.

3.2.1.1 – O discurso político

A *Oratio Pro Archia* é, assim, um discurso, em sede de tribunal, que trata «da defesa de Árquias. Redescoberto no século XIV por Petrarca, que o entendeu como uma defesa da Poesia e também, de certo modo, de tudo quanto se prendia com os «studia humanitatis» ficou conhecida como a *magna charta* do humanismo. Entre os capítulos VI e XI, Cícero exprime desassombradamente o seu entusiasmo pelas Belas Letras. Elas são deleite e descanso e contribuem para o aperfeiçoamento espiritual.»⁴⁴

Esta obra de Cícero é, como acima se referiu, um discurso político/judiciário proferido no ano 62 a.C. Elogiando a poesia, Cícero confirma a superioridade da cultura grega, representada por Árquias, sublinhando, porém, que ao orador é necessário adicionar ao dom natural a aprendizagem e a prática.

O discurso em Defesa de Árquias tal como o Sermão de Santo António aos Peixes está dividido em exórdio, narração, confirmação e peroração.

O exórdio do *Pro Arquia* corresponde aos dois primeiros parágrafos, onde Cícero explica o motivo pelo qual defende Árquias. Começa por expor a sua relação com Árquias, pois refere que aprendeu muitas coisas com este, embora as suas áreas de conhecimento sejam diferentes. Antes de iniciar a defesa desculpabiliza-se face ao auditório, acentuando que o discurso a usar será diferente dos discursos judiciais. Cícero está preocupado com a *decorum*, pretendendo afastar-se do tom judicial, pois que vai tratar da causa do poeta.

Esta parte do *Pro Archia* espelha princípios da Retórica e da Oratória; o exórdio é importante para demonstrar o carácter moral do orador. Desde o exórdio até à conclusão, o poeta será sempre referido com o nome romano Árquias Licínio, estratégia que reforça a tese de que Árquias era um cidadão romano.

A segunda parte do discurso, a narração, é constituída pelo terceiro parágrafo e metade do quarto. A narração é o momento do discurso onde se enuncia o assunto que

⁴⁴ Pereira, Maria Helena da Rocha (1982). *Estudos de História da Cultura Clássica*, II volume, F. Gulbenkian, Lisboa, pp. 128-129

se vai tratar. O orador resume a vida de Árquias, acentuando que, quando chega a Roma foi acolhido pela família dos Lúculos, tendo-lhe sido facultado o direito de ser cidadão na sua viagem a Heracleia, com a promulgação da lei *Plautia-Papiria*.

A confirmação centra-se nos direitos do poeta Árquias. A argumentação de Cícero tem dois objetivos: provar que Árquias é um cidadão romano e defender a tese de que, mesmo que não fosse, Roma se deveria sentir orgulhosa em conceder-lhe tal direito, pela qualidade de homem de letras. Ora o orador tem que provar que o poeta adquiriu legalmente o direito de cidadania e convencer os juízes de que o direito não deve ser retirado, pelo contrário. Árquias cumpriu as prescrições legais, teve sempre um comportamento de cidadão romano e merece sê-lo de pleno direito

Já na metade do parágrafo nono inicia-se a peroração. As perorações de Cícero eram, habitualmente, muito persuasivas. No discurso *Pro Arquia* a peroração apresenta-se moderada, pois o orador no exórdio já tinha alertado o auditório para o discurso que se seguia. Cícero faz uma breve recapitulação dos argumentos em favor de Árquias e a seguir dirige-se ao auditório, promove a adesão à causa do poeta e termina expondo a sua confiança no juiz para o veredito final.

3.3 - Proposta de aplicação prática e estratégias selecionadas

A metodologia utilizada para a realização deste estudo teve como base a experiência de ensino, durante o ano de letivo de estágio 2009/2010. A experiência letiva consistiu na realização de aulas sobre as semelhanças entre o *Sermão de Santo António aos Peixes* e o *Discurso de Pro Arquia*.

No decorrer das aulas recorri à exploração linguística do *Sermão de Santo António aos Peixes* e do *Pro Arquia*.

A aprendizagem de uma língua é fundamental para o processo de socialização e «culturalização», que permite a cada indivíduo de uma determinada comunidade a sua inserção ou a comunidade que acolhe o indivíduo. A aprendizagem da língua desenvolve a cognição, aprofunda a capacidade crítica e a criatividade, em especial a aprendizagem da língua portuguesa, pois a Língua Portuguesa assume um valor

individual e social essencial ao ensino/aprendizagem. Embora todas as disciplinas sejam importantes a de língua portuguesa caracteriza-se pelo uso que faz da língua e a sua análise, como salienta Rui Castro «ensinar uma língua é falar a e sobre a língua⁴⁵».

Como refere Susana Leal na sua comunicação intitulada *Ser professor ... de português: especificidades da formação dos professores de língua materna* Francine Cicurel identifica três formas de tratar a língua: «A primeira configura a dimensão metalinguística da aula de língua, em que a língua se institui ela própria objecto de estudo e análise na aula. A segunda reporta o uso comunicativo da língua na aula, na recepção e construção de enunciados verbais que servem o treino de competências de comunicação oral e escrita diversas. A terceira representa a dimensão didáctica da aula de língua, em que o uso da língua aparece ao serviço da interacção entre alunos e entre estes e o professor no âmbito da organização e do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da própria língua⁴⁶».

Também Fernanda Irene Fonseca e Joaquim Fonseca dizem que a própria aula de língua se individualiza e especializa e propõe o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos, pois esse desenvolvimento «não se processa como uma verdadeira transmissão [pois não se pode] transmitir uma técnica como se transmite o conhecimento de dados, de noções, ou mesmo de metodologias⁴⁷».

Assim, o professor de Português distancia-se dos professores de outras áreas, no processo de ensino/aprendizagem «produz e reproduz os seus próprios meios de produção. Concretamente, produz e reproduz a sua competência de falante, produz e reproduz a sua capacidade de observar, de descrever e de interpretar [os fenómenos da língua]⁴⁸».

O professor deverá possuir uma formação científica no campo da linguística, da semântica, da psicolinguística e da sociolinguística. É fundamental que o professor de Português tenha consciência que a aprendizagem dos alunos depende da sua competência, por esse motivo é indispensável que o professor de Português assuma o

⁴⁵ Castro, Rui V. (1987). *Aspectos da interacção verbal em contexto pedagógico. Objectivos ilocutórios, estruturas da interacção e tomada da palavra*. Lisboa: Livros Horizontes, p. 151.

⁴⁶ Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 1304.

⁴⁷ Fonseca, Fernanda Irene & Fonseca, Joaquim. (1990). *Pragmática linguística e ensino do Português*. Coimbra: Almedina, p. 8.

⁴⁸ Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 1304, 1305.

desenvolvimento da expressão oral correta e adequada, ensino de técnicas de leitura, de salientar que deve atentar ao desenvolvimento das competências de expressão escrita, entre outras. Para além disto, é necessário que o professor tenha conhecimento pedagógico geral e conhecimento didático atualizado, para o processo de ensino/aprendizagem, que lhe permita ser eficiente e autónomo na seleção e programação de estratégias, de recursos educativos, na informação.

Como professora estagiária de Português e para introduzir o estudo do *Pro Arquia*, comecei por mostrar aos alunos uma apresentação em PowerPoint adaptada para inserir o autor Cícero intitulada «Cícero»⁴⁹. Assim, os alunos passariam a identificar o nome e o período em que Cícero viveu. O objetivo era após a observação da apresentação os alunos serem capazes de contextualizar o período histórico e social em que Cícero se insere e caracterizar a figura histórica de Cícero. Conforme salienta o Programa de Português, a utilização de «métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC)⁵⁰» deve ser utilizada para promover a educação para a cidadania, para a cultura e para o multiculturalismo, pela tomada de consciência da riqueza linguística que a língua portuguesa apresenta. Sem o contacto com a apresentação em PowerPoint os alunos não se sentem espectadores, enquanto objeto físico, a apresentação cria algumas expectativas a partir da visão e interpretação ciceriona. Tentei, por isso, fomentar estes aspetos na sala de aula da disciplina de Português na turma do 11ºano.

Promovi atividades relacionadas com o objeto livro, conforme salienta o Programa de Português a «interacção estratégica entre texto e leitor envolve processos cognitivos de natureza distinta, uma vez que o texto é uma rede complexa de pressupostos (referenciais, semânticos, pragmáticos) e a não existência de quadros comuns de referência limita a compreensão, a prospecção e a avaliação do texto por parte do leitor⁵¹». Sem o contacto com o livro os alunos não se sentem leitores.

⁴⁹ Anexo 1

⁵⁰ Programa de Português – 10º,11º,12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, (2001 e 2002) Departamento da Educação, Ministério da Educação, p.7.

⁵¹ Programa de Português – 10º,11º,12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, (2001 e 2002) Departamento da Educação, Ministério da Educação, p.22.

Enquanto objeto físico e palpável, o livro cria algumas expectativas a partir de elementos paratextuais.

Depois os alunos observaram o livro *Em defesa do poeta Árquias* e verificaram a presença de elementos paratextuais, nas fotocópias fornecidas. Identificaram os elementos que constituem cada uma dessas partes. De seguida, os alunos especularam acerca do poeta Árquias, com base no excerto da obra: Árquias nasceu na Grécia, Árquias cidadão romano e Árquias poeta.

Posteriormente, os alunos concentraram-se na leitura do exórdio do livro *Em defesa do poeta Árquias* e verificaram a compreensão do exórdio. Pretendi dar relevo à leitura em voz alta, nesta perspetiva Isabel Margarida Duarte refere que «treinar os alunos a retirar, de um texto, a informação relevante, a armazenar essa informação de forma cómoda e acessível é um objetivo primordial do ensino da leitura [e acrescenta que] as actividades de treino da leitura para informação e estudo devem ser regulares e frequentes e podem complementar quer a leitura metódica quer a recreativa⁵²». Após a leitura os alunos perceberam o tema central da obra, a relação entre Cícero e Árquias e o objetivo do discurso. Os alunos argumentam acerca de Árquias: se adquiriu justa ou injustamente o direito de cidadania romana. Depois de ouvirem a leitura e analisarem o exórdio, uns alunos utilizaram uns argumentos e outros utilizaram outros. Entretanto, foi solicitado para trabalho de casa uma redação de um texto expositivo-argumentativo onde defendessem a justiça ou injustiça, face ao direito de cidadania romana do poeta Árquias. Com esta atividade, «a interacção leitura-escrita poderá revelar-se um caminho profícuo para o desenvolvimento da competência de escrita, tanto na área dos escritos expressivos e criativos, como em outros tipos de texto.

Relativamente aos primeiros, o vaivém entre a leitura e a escrita pode propiciar um manancial de situações de produção e de compreensão, levando o aluno a descobrir as suas potencialidades e a adquirir uma melhor e mais produtiva relação com os textos literários [tal como refere o Programa] importa, pois, que as actividades estimulem a criatividade, criem o desejo de ler e escrever e tornem o aluno um leitor activo que mobiliza os seus conhecimentos, coopera com o texto na construção de sentidos e desenvolve as suas potencialidades criativas⁵³».

⁵² Duarte, Margarida Isabel (2001). *Gavetas de Leitura: Estratégias e Materiais para uma Pedagogia de Leitura*. Porto: Edições Asa, p. 116.

⁵³ Programa de Português – 10º, 11º, 12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, (2001 e 2002) Departamento da Educação, Ministério da Educação, p.20.

No último momento deste grupo de aulas, os alunos comparam o exórdio desta obra com o exórdio da obra *Sermão de Santo António aos Peixes*: o conceito predicável, a estrutura, o discurso religioso e discurso jurídico, mas político, a intenção dos oradores ao longo do exórdio e no final deste.

No final deste bloco os alunos concluíram que as duas obras têm semelhanças embora o *Sermão* seja de cariz religioso e a *Defesa* um texto de cariz jurídico, ambos têm carácter político.

Para uma melhor compreensão e acompanhamento dos objetivos e competências de bloco de aulas, anexo a planificação de aula⁵⁴ ao relatório/dissertação.

⁵⁴ Anexo 2

Conclusão

Este projeto de investigação-ação teve na sua génese uma situação observada na Escola Secundária Inês de Castro, em Canidelo, na turma A de 11º ano de escolaridade. A elaboração deste(a) relatório/dissertação propôs-se como objetivo desenvolver a capacidade de reflexão nos alunos em textos oratórios nas culturas clássicas e portuguesa.

Desde sempre, mas sobretudo atualmente parece haver uma maior necessidade de encontrar estratégias adequadas ao desenvolvimento das competências dos alunos nas seguintes componentes: Compreensão Oral, Expressão Oral, Expressão Escrita, Leitura e Funcionamento da Língua. O plano de aula realizado e aplicado à turma mencionada anteriormente foi adequado aos seus intervenientes com quem contactei no ano letivo.

Ao longo da aula os alunos compararam o exórdio da obra *Sermão de Santo António aos Peixes* com o da obra *Oratio Pro Arquia*, chegando às seguintes conclusões: na primeira o conceito predicável está presente - *Vós sois o sal da terra*, inspirando-se em S. Mateus, técnica típica da pregação no século XVII português, na segunda obra não existe conceito predicável. No que respeita à estrutura o primeiro capítulo do sermão corresponde ao exórdio, enquanto os dois primeiros capítulos da *Oratio Pro Arquia* correspondem ao exórdio.

O discurso religioso, mas também político do Sermão de Santo António aos Peixes, é um discurso cerrado e argumentativo, numa série de perguntas e respostas, réplicas e tréplicas; depois de especular sobre as razões por que o sal não salga, havendo tantos pregadores, coloca uma série de hipóteses, apoiando-se sempre, nas sagradas escrituras ou nas palavras sábias dos Santos ou doutores da Igreja ou no próprio Cristo, seguindo as técnicas da sermonária barroca.

O orador pretendia ao longo do exórdio atingir todas as camadas sociais. Usava, no caso particular do Padre Vieira, mas também de outros pregadores do século XVII, o púlpito como tribunal ideal do comentário à vida pública, valor religioso para se tornar num motor de meditação e estudo.

No discurso político, mas jurídico da *Oratio Pro Arquia*, Cícero explica os motivos que o induziram a levar a cabo a defesa do poeta. Desculpa-se com o auditório, porque vai utilizar uma forma de discursar um pouco diferente da dos discursos judiciais, pois a pessoa que vai defender é um poeta, não habituado aos juízos e intrigas do fórum. O orador parece estar, aqui, preocupado com o *decorum*, tentando adequar o estilo e o tom de seu discurso à pessoa (ao assunto) sobre quem discursará.

Para os alunos tirarem estas conclusões sobre os dois textos foi-lhes fornecido o material necessário para a análise, apresentando-se os textos na íntegra, uma breve introdução à figura e obra de Cícero, pois sobre o Padre António Vieira já havido sido feita no início do estudo desta unidade didática. No decorrer da aula, os alunos ouviram a leitura realizada do exórdio da *Oratio Pro Arquia* e analisaram o mesmo, para seguidamente argumentarem acerca da possibilidade de Árquias adquirir justa ou injustamente o direito de cidadania romana. Como a turma era heterogénea houve dois grupos de alunos com ideias e argumentos diferentes: uns defenderam que Árquias era um cidadão romano, porque preenchia as condições necessárias e merecia ser cidadão romano uma vez que tinha domicílio em Itália e tinha prestado declarações ao pretor. Os depoimentos de Lúculo, dos embaixadores de Heracleia e os registos do pretor Quinto Metelo comprovam-no, outros referiram que foi necessário impor limites ao direito de cidadão, pois era perigoso, segundo os romanos mais tradicionais, conceder a tantos estrangeiros plenos direitos de participar da vida pública de Roma e como Árquias foi acusado de ter adquirido fraudulentamente a cidadania romana, então não deveria ter cidadania romana.

Depois deste tempo de reflexão e exposição oral por parte dos alunos foi-lhes proposta uma redação de um texto expositivo-argumentativo em que defendessem a posição de justiça ou injustiça, relativamente ao direito de cidadania romana do poeta Árquias, recordando que, para Cícero, uma das razões fundamentais, estrategicamente apresentada, residia no fato de que, mesmo que Árquias não fosse já cidadão romano, Roma deveria sentir-se honrada em conceder-lhe tal qualidade, pois que ele era um poeta, um «homem de letras».

As atividades e metodologias utilizadas ao longo da aula estão referidas no Programa do Ensino Secundário, contudo parece-me que esta unidade didática poderia

ter mais textos comparativos da mesma temática para promover no aluno maior reflexão relativamente a obras dos autores clássicos e dos autores portugueses.

Sendo a aprendizagem do aluno o ponto de partida para o desenvolvimento das suas capacidades e competências, eu, como professora estagiária selecionei técnicas e estratégias adquiridas no 1º ano de Mestrado - e com a orientadora da escola - que se me afiguraram mais pertinentes para os alunos da turma. As práticas quotidianas no contexto sala de aula são um excelente aliado para o bom desempenho profissional do professor e conseqüente resultado positivo do aluno.

Bibliografia

Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.

ALMEIDA, Ana Rita Silva (2001). *A emoção na sala de aula*. São Paulo: Papirus.

Disponível: http://books.google.pt/books?id=FMBSnxYF8Q8C&printsec=frontcover&dq=a+emo%C3%A7%C3%A3o+na+sala+de+aula++ana+rita+silva+almeida&hl=ptPT&sa=X&ei=jocQT_pVhbnyA5Wf7dID&redir_esc=y#v=onepage&q=a%20emo%C3%A7%C3%A3o%20na%20sala%20de%20aula%20%20ana%20rita%20silva%20almeida&f=false (Consultado Março e Abril de 2012)

BARTHES, R. (1995). *Elementos de Semiologia*. Lisboa: Edições 70.

CASTRO, Aníbal Pinto de (2008). *O essencial sobre o padre António Vieira*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

CASTRO, Rui V. (1987). *Aspectos da interacção verbal em contexto pedagógico. Objectivos ilocutórios, estruturas da interacção e tomada da palavra*. Lisboa: Livros Horizontes.

CÍCERO (1999). *Em Defesa do Poeta Árquias*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel R.Gonçalves.. Editorial Inquérito.

CUNHA, Pedro D' Orey da (1996). *Ética e Educação*. Universidade Católica Editora, Lisboa.

DUARTE, Margarida Isabel (2001). *Gavetas de Leitura: Estratégias e Materiais para uma Pedagogia de Leitura*. Porto: Edições Asa.

FONSECA, Fernanda Irene & Fonseca, Joaquim. (1990). *Pragmática linguística e ensino do Português*. Coimbra: Almedina.

FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo (2000). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LOUREIRO, Carlos (2001). *A docência como profissão*. Edições ASA.

MENDES, Margarida Vieira, Maria Lucília Pires e J. Costa Miranda (1997). *Vieira Escritor*, Lisboa: Edições Cosmos.

MONTEIRO, A. Reis (2005), *Deontologia das Profissões da Educação*, Coleção de Ciências da Educação e Pedagogia, Almedina.

MORIN, Edgar (2004). *Os sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez.

OLIVEIRA, António de (1999). *O tempo de Vieira: a sociedade e a cultura de Seiscentos*. In *Actas do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*. Universidade Católica Portuguesa/província Portuguesa da Companhia de Jesus, Braga.

OROZCO DÍAZ, Emilio (1988). *El tiempo, protagonista del drama del Barroco*”, en *Manierismo y Barroco*, Madrid.

PÉCORA, Alcir (organização e introdução) (2002). *Sermões – Padre António Vieira*. São Paulo: Hedra.

Disponível: http://books.google.pt/books?id=bW8WCtRUBWsC&printsec=frontcover&dq=serm%C3%B5es&hl=ptPT&ei=BiLiToiPAsj28QOY5tSJBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDYQ6AEwAA#v=onepage&q=serm%C3%B5es&f=false (consultado a 5 de Setembro de 2011).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1982). *Estudos de História da Cultura Clássica*, II volume, F. Gulbenkian, Lisboa.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves (2003). *Poetas do Período Barroco*. Lisboa, Editorial Comunicação.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves (1996). *Xadrez de Palavras*. Edições Cosmo.

REAL, Miguel (2008). *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa*, Lisboa: QuidNovi.

REIMÃO, Cassiano Maria (coordenação) (2008). *Ética e profissões desafios da modernidade: actas de colóquio*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

RODRIGUES, Francisco (1917). *A formação intelectual do jesuíta*, Porto: Liv. Magalhães e Moniz.

SARAIVA, António José (1996). *O Discurso Engenhoso – Ensaio sobre Vieira*, Gradiva.

SARAIVA, António José e Óscar Lopes (2000). *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 17ª edição.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Dom Quixote.

SILVA, Tomaz Tadeu da (2000). *Teorias do Currículo*, Porto: Porto Editora.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (2002). *Teoria da Literatura*. Coimbra, Almedina.

VALDEZ, Daniel (2002). *As relações interpessoais e a Teoria da Mente no contexto educativo*. In Pátio Revista Pedagógica ano VI, nº23 Setembro/Outubro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.

VIEIRA, António (2000). *Clavis prophetarum*. Ed. crítica, fixação do texto, tradução, notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, segundo projecto de Margarida Vieira Mendes. Traduzida e revista por João Pereira Gomes. Biblioteca Nacional. Lisboa.

Disponível:

<http://books.google.pt/books?id=N1YcVpiQgsC&printsec=frontcover&dq=clavis+prophetarum&source=bl&ots=MsMGVJK6Nt&sig=N3FShTGFurlcmpAnRPO6JbsUGvg&hl=ptPT#v=onepage&q=clavis%20prophetarum&f=false> (consultado Março e Abril de 2012).

VIEIRA, António (1999). *Sermões Escolhidos*. Selecção, introdução e notas por Maria das Graças Moreira de Sá. Editora Ulisseia.

VIEIRA, António (1959). *Sermões*. Tomo V, Lello e Irmão.

WALLON, Henri (1975). *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Estampa.

Documentos legais:

Abertura do Ano Lectivo - Reunião Geral, 11 de Setembro de 2009.

Carta Deontológica do Serviço Público, aprovada em 1993 por Resolução do Conselho de Ministros (n.º 18/93).

Decreto-Lei 15/2007, de 19 de Janeiro - Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

Estatuto da Carreira Docente dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado em 1990 por Decreto-Lei (n.º 139-A/90) do Conselho de Ministros, e revisto em 1998 (Decreto-Lei n.º 1/98).

Lei 46/1986, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

Lei nº3/2008 de 18 de Janeiro - Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário.

Projecto Educativo da Escola Secundária Inês de Castro, para o biénio 2009/2011.

Regulamento Interno da Escola Secundária Inês de Castro – 2009/2013.

Programas:

Programa de Português – 10º,11º,12º anos – Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, (2001 e 2002) Departamento da Educação, Ministério da Educação.

Reforma do Ensino Secundário - Documento Orientador da Revisão Curricular do Ensino Secundário, Ministério da Educação, 2003.

Manuais:

Manual de Português - Antologia 11.º Ano da Lisboa Editora, de Ana Garrido, Cristina Duarte, Fátima Rodrigues, Fernanda Afonso e Lúcia Lemos.

Sítios:

www.esic.pt

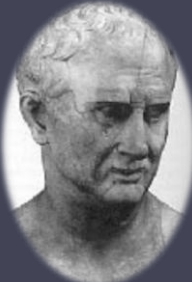
www.ine.pt

www2.dlc.ua.pt/classicos/ProArchia.pdf

Anexos

Anexo 1

Diapositivo 1



Marco Túlio Cícero

* Arpinium, Itália – 106 a.C
+ Formia, Itália – 43 a.C

Diapositivo 2

- Marco Túlio Cícero foi advogado, orador, filósofo, senador e escritor romano.
- O maior dos oradores e pensadores políticos romanos.



Diapositivo 3

- Nasceu numa antiga família da classe equestre, duma povoação do interior do Lácio.
- Foi-lhe dada a cidadania romana, somente em 188 a.C., pois nunca tinha participado na vida política de Roma.



Diapositivo 4

- A educação foi muito completa.
- Estudou na escola pública até à maioridade.
- Foi entregue aos cuidados do célebre senador e jurista romano Múcio Cévola que o pôs a par das leis e das instituições políticas de Roma.



Diapositivo 5

- **Cícero** passou brevemente pela **vida militar**, passo necessário para poder participar plenamente na **vida política romana**, tendo estado presente numa campanha militar sob o comando do cônsul Pompeu Estrabão.



Diapositivo 6

- Regressando à vida civil, começou a **estudar filosofia** com Filão, mas a sua atenção centrou-se na **oratória** que estudou com a ajuda de Molo, o principal retórico da época.



Diapositivo 7

- **Cícero** é considerado o primeiro romano que chegou aos principais postos do governo com base na sua **eloquência** e ao mérito como exerceu as suas funções de magistrado civil.



Diapositivo 8

- No Oriente, concluiu a sua formação filosófica e retórica.
- Regressado a Roma, começou a sua **carreira política**, sendo nomeado questor da Sicília.



Diapositivo 9

- 5 anos depois, foi escolhido para pretor, discursando pela 1ª vez a partir da **Rostra** – a antiga plataforma dos oradores no **Fórum de Roma**.



Diapositivo 10



Diapositivo 11

- Foi eleito cônsul.
- Conseguiu destruir a Conjuração de **Catilina**, tendo sido declarado Pai da Pátria por essa atuação em defesa das instituições republicanas.



Diapositivo 12

- Mas o regresso triunfal de Pompeu a Roma, e a institucionalização do primeiro Triunvirato, fez com que as ambições políticas de **Cícero** sofressem um rude golpe, fazendo com que voltasse às atividades forense e literária.



Diapositivo 13

- A perseguição dos seus adversários continuou, atacando a família mais próxima e as propriedades de **Cícero**.
- O Senado foi recebê-lo às portas da cidade, sendo a sua entrada quase uma procissão triunfal.



Diapositivo 14

- Foi governar a Cilícia.
- Demitiu-se e regressou a Roma com a intenção de reclamar a realização de um triunfo.
- Mas o começo das lutas entre **Pompeu e César**, que deram origem a Guerra Civil, impediram a sua efetivação.



Diapositivo 15

- Foi o período mais crítico do ponto de vista moral e político da vida de **Cícero**.
- Querendo manter-se neutral na feroz luta política da época tentou agradar aos dois campos, sem conseguir agradar a nenhum deles.



Diapositivo 16

- **Cícero** passou então a dedicar-se integralmente à filosofia e à literatura, sendo desta época o tratado *De Republica*.



Diapositivo 17

- O assassinato de César em 44 a.C. trouxe-o de novo para o centro da atividade política.
- Tentou recuperar a influência política, e a direção do partido senatorial, mas Antônio ocupou o lugar de Júlio César, e a **Cícero** só lhe restou escrever as orações contra o sucessor de César conhecidas como *Filípicas*.



Diapositivo 18

- **Cícero** não se deixou enganar pelo filho adotivo de César, e as resoluções do Senado contra Antônio tiveram origem nele.
- Mas Octávio, eleito cônsul, chegou a acordo com Antônio e Lépido, antigo general de Júlio César, formando-se o segundo triunvirato.



Diapositivo 19

- Cícero retirou-se com alguns familiares para Túsculo, a sul de Roma.
- Aí teve conhecimento que Octávio o tinha abandonado e que António o tinha colocado na lista dos proscritos, uma declaração de morte.



Diapositivo 20

- Mas acabou por ficar afirmando «*Moriar in patria soepe servata*» (Morra eu na pátria que tantas vezes salvei).
- Cortaram-lhe a cabeça e as mãos e, por ordem de António, pregaram-nas na Rostra.



Diapositivo 21



Diapositivo 22

Citações de Cícero:

- *Para se ter vida longa é preciso viver devagar*
- *Justiça extrema é injustiça*
- *Os livros são o alimento da juventude*
- *Não há nada que não se consiga com a força de vontade, a bondade e, principalmente, com o amor*



Diapositivo 23

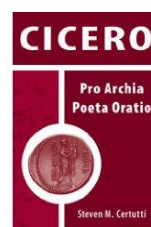
- *Parece-me que arrancam o sol deste mundo, esses que afastam a amizade das suas vidas*
- *Qualquer pessoa pode errar; mas ninguém que não seja tolo persiste no erro*
- *Ó filosofia, guia da vida!*



Diapositivo 24

Obras principais:

- *Catilinarias*
- *Filipicas*
- *De lege agraria*
- *De provinciis consularibus*
- *Pro Archia*



Anexo 2

Planificação da Unidade Didática:

➤ Texto Expositivo-Argumentativo

Português

11ºA

Pré- requisitos:

➤ Conteúdos Texto:

■ O aluno:

- ✓ conhece textos informativos diversos dos domínios transacional e educativo:
 - artigos científicos e técnicos;
 - declaração;
 - requerimento;
 - contrato;
 - regulamento;
 - relatório;
 - contos de autores do século XX.

- ✓ constrói textos de carácter autobiográfico:
 - memórias;
 - diários;
 - cartas;
 - retratos;
 - imagem;
 - autorretrato;
 - textos literários de carácter autobiográfico.

- ✓ identifica textos expressivos e criativos:
 - produções áudio-visuais diversificadas;
 - poetas do século XX.
- ✓ descreve textos de apreciação crítica:
 - entrevista;
 - crónica;
 - resumo;
 - textos dos media:
 - artigos científicos e técnicos;
 - artigos de apreciação crítica;
 - crónicas;
 - crónicas literárias.
- ✓ identificam textos narrativos e descritivos:
 - conto;
 - reconto;
 - contos de autores do século XX.

➤ **Conteúdos do Funcionamento da Língua:**

■ **O aluno:**

- ✓ identifica atos ilocutórios;
- ✓ adequa o seu discurso (registo formal, registo informal, formas de tratamento, oral e escrito);
- ✓ usa protótipos textuais;
- ✓ domina a língua do ponto de vista do léxico;
- ✓ identifica diferentes classes de palavras :
 - nomes;
 - adjetivos;
 - verbos;
 - conjunções;
 - locuções conjuncionais;
- ✓ domina a língua do ponto de vista morfológico;
- ✓ classifica as frases do ponto de vista sintático:
 - estruturas de combinação livre de palavras;
 - funções sintáticas;

- ordem de palavras;
- figuras de sintaxe.
- ✓ faz referência à *deixis* (*deixis* pessoal, temporal e espacial);
- ✓ interage discursivamente (atos ilocutórios, e principais reguladores de interação discursiva);
- ✓ usa princípios reguladores da interação discursiva (princípio da cooperação e princípio da cortesia);
- ✓ identifica modos de relato do discurso e verbos introdutores do relato do discurso;
- ✓ desenvolve textos (continuidade, progressão, coesão e coerência);
- ✓ faz uso da prosódia;
- ✓ identifica o paratexto;
- ✓ usa a língua tendo em conta:
 - comunidade linguística;
 - variação;
 - mudança.
- ✓ faz uso da linguagem não-verbal:
 - linguagem icónica;
 - linguagem plástica;
 - linguagem musical;
 - linguagem gestual.
- ✓ desenvolve relações semânticas entre palavras:
 - antonímia;
 - sinonímia;
 - hiperonímia;
 - hponímia.

Competências a implementar:

➤ Compreensão /expressão oral

- O aluno:
- ✓ utiliza estratégias de escuta adequadas;

- ✓ capta as ideias essenciais e as intenções de textos orais de diferentes tipos e de níveis distintos de formalização:
 - reconhece as ideias expressas;
 - estabelece relações lógicas;
 - realiza deduções e inferências;
- ✓ produz textos orais de diferentes tipos e níveis distintos de formalização:
 - realiza operações de planificação;
 - cumpre as propriedades da textualidade;
 - adequa o discurso à finalidade e à situação de comunicação;
 - expressa ideias, opiniões, vivências e factos, de forma fluente, estruturada e fundamentada;
- ✓ participa de forma construtiva em situações de comunicação, relacionadas com a atividade escolar (debates, trabalhos de grupo, exposições orais,...), respeitando as normas que as regem.

➤ **Leitura**

- O aluno:
- ✓ utiliza estratégias de leitura diversificadas;
- ✓ capta o sentido e interpretar textos escritos:
 - reconhece as ideias expressas;
 - estabelece relações lógicas;
 - realiza deduções e inferências;
 - analisa aspectos específicos dos diferentes tipos de texto.
- ✓ interpreta relações entre a linguagem verbal e códigos não verbais;
- ✓ manifesta preferências na seleção de leituras e expressar as suas opiniões e gostos sobre os textos lidos;
- ✓ respeita as regras estabelecidas no contrato de leitura;
- ✓ utiliza diferentes recursos e fontes de informação para dar resposta a necessidades concretas de informação e de aprendizagem.

➤ **Expressão escrita**

- O aluno:
- ✓ produz textos de várias tipologias:

- realiza operações de planificação;
- cumpre as propriedades da textualidade (continuidade, progressão, coesão e coerência);
- redige textos com finalidades diversas e destinatários variados, respeitando a matriz discursiva;
- expressa ideias, opiniões, vivências e factos de forma pertinente, estruturada e fundamentada;
- realiza operações de revisão;
- participa ativamente e de forma empenhada nas atividades da oficina de escrita.

➤ **Funcionamento da Língua**

- O aluno:
 - ✓ identifica marcas linguísticas de distintos usos da língua mediante a observação direta e a comparação de diversas produções;
 - ✓ reflete sobre as regras de funcionamento da língua, identificando os elementos formais básicos nos planos fonológico, morfológico, lexical, semântico e pragmático;
 - ✓ utiliza conscientemente os conhecimentos adquiridos sobre o sistema linguístico para uma melhor compreensão dos textos e para a revisão e aperfeiçoamento das suas produções.

Conteúdos:

Compreensão / expressão oral:

➤ **Conteúdos Processuais:**

- ✓ estruturação da atividade de escuta/visionamento em três etapas:
 - pré-escuta/visionamento;
 - escuta/visionamento;
 - pós-escuta/visionamento.
- ✓ estratégias de escuta:
 - global;
 - seletiva;
 - pormenorizada;

- ✓ registo de notas a partir de:
 - enunciados orais;
 - observação de factos e experiências;
 - pensamentos.

➤ **Conteúdos Declarativos:**

- ✓ situação comunicativa: estatuto e relação entre os interlocutores;
- ✓ intencionalidade comunicativa;
- ✓ relação entre o locutor e o enunciado;
- ✓ formas adequadas à situação e intencionalidade comunicativas;
- ✓ elementos linguísticos e não linguísticos da comunicação oral.

❖ Textos:

- ✓ compreensão
 - publicidade
 - debate
 - discurso político
- ✓ produção
 - textos de apreciação crítica
 - debate (participação)
 - textos publicitários
 - exposição

Escrita:

➤ **Conteúdos Processuais:**

- ✓ estruturação da atividade de produção em três etapas:
 - planificação
 - textualização
 - revisão

➤ **Conteúdos Declarativos:**

- ✓ situação comunicativa: estatuto e relação entre os interlocutores;
- ✓ intencionalidade comunicativa;
- ✓ relação entre o locutor e o enunciado;
- ✓ formas adequadas à situação e intencionalidade comunicativas.

❖ Textos:

- comunicado;
- reclamação/protesto;
- resumo de texto expositivo/argumentativo;
- síntese de texto expositivo/argumentativo;
- textos de apreciação crítica;
- textos expressivos e criativos;
- textos expositivo/argumentativos.

Leitura:

➤ **Conteúdos Processuais:**

- ✓ estruturação da atividade em três etapas:
 - pré-leitura;
 - leitura;
 - pós-leitura.
- ✓ estratégias de leitura:
 - leitura global;
 - leitura seletiva;
 - leitura analítica e crítica.

➤ **Conteúdos Processuais:**

- ✓ o verbal e o visual - textos/imagens que permitam uma interação profícua com os outros textos enunciados – a imagem na publicidade, no desenho humorística e na ilustração

- ✓ funções argumentativa e crítica

❖ Textos:

- ✓ textos informativos diversos e os seguintes dos domínios transacional e educativo:
 - artigos científicos e técnicos
 - comunicado
 - reclamação
 - protesto
- ✓ textos dos media - textos de várias tipologias:
 - artigos de apreciação crítica (sociedade, economia, política, cultura)
 - publicidade
- ✓ textos argumentativos:
 - discurso político
 - leitura literária
 - Sermão de Santo António aos Peixes, Pe António Vieira (excertos)
 - Em defesa do poeta Árvias (excertos)
- ✓ textos de teatro:
 - leitura literária
 - *Frei Luís de Sousa*, Almeida Garrett (leitura integral)
- ✓ textos narrativos e descritivos:
 - leitura literária
 - um romance de Eça de Queirós (leitura integral)
- ✓ textos líricos
 - leitura literária: poesia de Cesário Verde

Funcionamento da Língua:

➤ Conteúdos Declarativos:

- ✓ fonologia
 - processos fonológicos
 - inserção, supressão e alteração de segmentos



- ✓ semântica lexical
 - significação lexical
 - neologia
 - estruturas lexicais
- ✓ semântica frásica
 - expressões nominais
 - valor dos adjetivos
 - valor das orações relativas
 - valores referenciais
 - tempo, aspecto e modalidade
- ✓ pragmática e linguística textual
 - interação discursiva
 - força ilocutória
 - Processos interpretativos inferenciais
 - pressuposição
 - implicação conversacional
 - figuras
- ✓ texto
- ✓ paratextos
- ✓ tipologia textual

Objetivos:

Texto Expositivo-Argumentativo:

➤ Objetivos gerais:

❖ O aluno:

- mobiliza conhecimentos prévios;
- antecipa conteúdos a partir de indícios vários;
- distingue a matriz discursiva de vários tipos de texto;
- determina a intencionalidade comunicativa;
- apreende os sentidos dos textos;
- distingue factos de sentimentos e de opiniões;
- utiliza vários tipos de argumento;
- reconhece o valor expressivo e estilístico da pontuação;



- identifica uma tese;
- reconhece a estrutura canónica de base da argumentação (tese, antítese, síntese);
- utiliza os conectores predominantes no texto argumentativo;
- reconhece a dimensão estética da língua;
- contacta com autores do Património Cultural Português;
- programa a produção da escrita e da oralidade observando as fases de planificação, execução, avaliação;
- aplica as regras da textualidade;
- reflete sobre o funcionamento da língua;
- aplica as regras do funcionamento da língua;
- adequa o discurso à situação comunicativa;
- utiliza técnicas de pesquisa em vários suportes;
- aplica regras de tomada de notas;
- organiza a informação recolhida;
- aplica técnicas de condensação linguística;
- organiza a informação recolhida;
- desenvolve a capacidade de conhecimento e aceitação do outro;
- desenvolve capacidades de atuação democrática e solidária.

Estratégias/Atividades:

- síntese da aula;
- leitura expressiva;
- interpretação de simbologias;
- produção de textos diversificados;
- preenchimento de fichas de leitura e gramaticais;
- leitura de imagens;
- pesquisa de documentos informativos;
- resolução de questionários interpretativos;
- exercícios de construção de resposta curta e longa condicionada;
- exposições orais;
- construção de um portefólio individual;
- reescrita de textos;
- construção de texto em pares ou em grande grupo;
- (...)



Material:

- quadro, giz;
- manual;
- caderno diário;
- portefólio
- imagens;
- computador e videoprojetor .

Avaliação:

- observação direta;
- formativa;
- sumativa;
- atitudinal;
- intervenções orais;
- textos escritos;
- leitura analítica e crítica;
- funcionamento da língua.

Tempo:

- 14 blocos de 90 minutos

Planificação da Aula 0 – 15 de Dezembro de 2009

Pré- requisitos:

Os alunos:

- Conhecem elementos paratextuais;
- Distinguem modos literários;
- Conhecem aspectos biográficos de António Vieira;
- Analisaram o *Sermão de Santo António aos Peixes*.

Objetivos:

- O aluno:
 - Reconhece cenas da obra através do visionamento de uma apresentação em PowerPoint;
 - Identifica personagens;
 - Distingue estados de espírito;
 - Interpreta segmentos textuais.

Conteúdos:

Compreensão e expressão oral:

- identifica a intenção comunicativa do interlocutor;
- sabe escutar e compreender géneros formais e públicos do oral;
- saber escutar criticamente discursos orais, identificando factos, opiniões e enunciados persuasivos.
- adequa o discurso ao objetivo comunicativo, ao assunto e ao interlocutor;
- exprime pontos de vista;
- faz exposições orais.

Escrita:

- dominar técnicas fundamentais de escrita compositiva:
 - organizar o texto em períodos e parágrafos, exprimindo apropriadamente os nexos temporais e lógicos;
 - escrever com correção ortográfica, morfológica e sintáctica;
 - usar vocabulário apropriado e preciso;
 - aplicar corretamente regras básicas da pontuação.

Leitura:

- Orientada:
 - Texto expositivo-argumentativo: Em Defesa de Árquias, Cicero
 - categorias do texto argumentativo;
 - intenção pedagógica;
 - valor simbólico de alguns elementos.

Estratégias/Atividades:

- síntese da aula;
- leitura expressiva;
- interpretação de simbologias;
- exposições orais;
- construção de texto individualmente.

Material:

- quadro, giz;
- manual;
- fotocópias;
- caderno diário;
- imagens;
- computador e videoprojetor.

Avaliação:

- observação direta;
- formativa;
- atitudinal;
- intervenções orais.

Tempo:

- 1 bloco de 90 minutos

Desenvolvimento da Aula 0 – 15 de Dezembro de 2009

1º momento • Registo do sumário o aluno: • Sintetiza a aula anterior 2º momento o aluno: • Apresenta uma imagem, no quadro. • Especula acerca do tema da imagem. • Identifica o tema da imagem. • Reflete sobre o tema da imagem.	→ Sumário: Reflexão semanal. Discurso político: «Em defesa do poeta Árcuas». → Análise da peroração do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>. → Leitura da imagem pelos alunos: • referência bibliográfica, • identificação do tema, • reflexão sobre a imagem. → Oralmente, um aluno faz a síntese da descrição da imagem.
--	--

3º momento

o aluno:

- Observa a apresentação em powerpoint «Cícero», que será lida pela professora.
- Identifica o nome e o período em que Cícero viveu.
- Contextualiza o período histórico/social em que Cícero se insere.
- Caracteriza a figura histórica de Cícero.

→ Cf. Material.

→ Marco Túlio Cícero nasceu em Arpinium na Itália em 106 a.C e morreu em Formia, Itália no ano 43 a.C.

→ Durante a segunda metade caótica do século I a.C., marcada pelas guerras civis e pela ditadura de Júlio César, Cícero patrocinou um retorno ao governo republicano tradicional. Contudo, a sua carreira como estadista foi marcada por inconsistências e uma tendência para mudar a sua posição em resposta a mudanças no clima político.

→ Foi advogado, orador, filósofo, senador e escritor romano. O maior dos oradores e pensadores políticos romanos.

Afirma a superioridade da cultura grega, que será representada por Árquias.

4º momento

o aluno:

- Observa na apresentação do livro
Em defesa do poeta Árquias.

- Verifica a presença, nas fotocópias fornecidas pela professora de elementos paratextuais.

- Identifica elementos que constituem cada uma dessas partes.

- Especula acerca do poeta Árquias, com base nas fotocópias fornecidas, pela professora, do excerto da obra:

- Árquias nasceu na Grécia.

- Árquias, cidadão romano

→ Capa:

título, nome do autor,
fotografia/ilustração, nome da coleção,
nome da editora.

→ Folha de rosto:

carimbo da editora,

→ Índice.

→ Cf. material em fotocópias.

→ Árquias era grego de Antioquia, na Síria; não nascera, portanto, cidadão romano.

→ Quando, em 89 a.C., se promulgou a lei *Plautia- Papiria* – segundo a qual ganhariam o direito de cidadania romana, todos os cidadãos, das

○ Árquias, poeta 5º momento o aluno: • Ouve a leitura realizada pela professora do exórdio do livro <i>Em defesa do poeta Árquia</i>. • Verifica a compreensão do exórdio. • Atenta no excerto da obra:	cidades aliadas de Roma que estivessem domiciliados em alguma cidade da Itália e que se apresentassem aos pretores no prazo dois meses, Árquias teria obtido, depois de cumprir essas exigências, a cidadania romana, inscrevendo-se e apresentando-se diante do pretor em Heracléia. → Árquias improvisou grande número de versos e voltou a expôr o mesmo assunto por outros, com a maior facilidade. A poesia e as letras educam o espírito. O tempo que passou no estudo das letras enriqueceu a sua capacidade de auxílio aos outros e são fonte de fama e glória. → Cf. Material em fotocópias. → Um/uns aluno (s) faz (em) a síntese do texto que acabou (acabaram) de ouvir, referindo:
--	--

→ Exórdio do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>: ○ conceito predicável ○ estrutura ○ discurso – religioso, mas político ○ intenção do orador ao longo do exórdio	→ <i>Vós sois o sal da terra</i>, inspirando-se em S. Mateus vai depois esgrimir sobre este salmo, adaptando-o aos pregadores; → O primeiro capítulo corresponde ao exórdio; → Discurso cerrado e argumentativo, numa série de perguntas e respostas, réplicas e tréplicas; e depois de filosofar sobre as razões por que o sal não salga, havendo tantos pregadores, → Vai colocar uma série de hipóteses, apoiando-se sempre, nas sagradas escrituras ou nas palavras sábias dos Santos ou doutores da Igreja ou no próprio Cristo → O orador pretendia atingir todas as camadas sociais. Usava o púlpito como tribuna ideal do comentário crítico à vida pública. O sermão ultrapassa o valor religioso para se tornar num motor de meditação e estudo.
---	---

→ Exórdio <i>Em defesa do poeta Árquias</i>: ○ conceito predicável ○ estrutura ○ discurso jurídico, mas político ○ intenção do orador ao longo do exórdio	→ Inexistência de conceito predicável; → Os dois primeiros capítulos correspondem ao exórdio, → Cícero explica os motivos que o induziram a levar a cabo a defesa do poeta. → Desculpa-se com o auditório, porque vai utilizar uma maneira de discursar um pouco diferente daquela dos discursos judiciais, pois a pessoa que vai defender é um poeta, não afeito aos juízos e intrigas do fórum. → O orador parece estar, aqui, preocupado com o <i>decorum</i>, tentando adequar o estilo e o tom de seu discurso à pessoa (ao assunto) sobre quem discursará. Assim, talvez Cícero preferisse fazer, o seu elogio, o que de certa forma ele faz na narração, que se segue ao exórdio.
---	---

- intenção do orador no final do exórdio

→ o orador expõe o objetivo da sua *oratio*: «Se eu vir[...] aí deveria ter sido incluído». Cf. fotocópias pág. 25.